



ISSN 2359-053X

2 9

ANO 3 - NÚMERO 29 - MARÇO 2017

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 10

ECOTURISMO

Wagôh Pakob - Espaço
de vivência da força da floresta

p. 24

MEMÓRIA

Castro Alves: o poeta
da liberdade

p. 28

MITOS E LENDAS

A lenda do Memorial
Serra da Mesa

p. 34

ÁGUA

UM BEM COMUM
AMEAÇADO

p. 10





A stylized illustration of a woman's face and hands. She has dark hair and is looking slightly to the right. Her hands are raised, holding a banner that reads 'SER MULHER SEM TEMER'. The background is a light blue with a subtle pattern of small dots.

SER MULHER
SEM TEMER



A OMS estima que **35%** das mulheres em todo o mundo já tenham sofrido algum tipo de violência.

Em 2016, no Brasil, **67.962** atendimentos da Central de Atendimento à Mulher corresponderam a violência (física, psicológica, moral, sexual e cárcere privado).

3 em cada **5** mulheres jovens já sofreram violência em relacionamentos.

98% dos brasileiros já ouviram falar na Lei Maria da Penha e **70%** consideram que a mulher sofre mais violência dentro de casa do que em espaços públicos.

Dados como esses não permitem que o dia **8 de Março** seja comemorado.

Enquanto existir violência, essa data será de luta!



FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Conheça a Fenae: www.fenae.org.br

“Era o porvir – em frente do passado, A Liberdade – em frente à Escravidão, (...)”

Castro Alves

COLABORADORES/COLABORADORAS MARÇO

Altair Sales Barbosa – Antropólogo. Arqueólogo. Ana Magalhães – Jornalista. Antenor Pinheiro – Jornalista. Batista Filho – Escritor. Eduardo Henrique – Estudante. Fotógrafo. Gasodá Suruí – Liderança Indígena. Turismólogo. Iasmin Reis – Fotógrafa. Iêda Leal – Educadora. Escritora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora. Educadora. Izaete Tavares – Fotógrafa. Jaime Sautchuk – Jornalista. Leonardo Boff – Filósofo, Teólogo, Escritor. Lúcia Resende – Educadora. Trajano Jardim – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

- | | |
|-------------------------|----------------------|
| 1. Jaime Sautchuk | 7. Juan Pratginestòs |
| 2. Zezé Weiss | 8. Elson Martins |
| 3. Altair Sales Barbosa | 9. Neusimar Coelho |
| 4. Binho Marques | 10. Ronei Alves |
| 5. Graça Fleury | 11. Ieda Vilas-Bôas |
| 6. Jacy Afonso | 12. Trajano Jardim |



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental
Telefone: (61) 9 9967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786/0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Zezé Weiss (61) 9 9967 7943; Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 9926 0445. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires – 386/GO. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 10.000 exemplares. Logística: Iasmin Reis. Circulação: Revista Impressa – Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info – bilíngue – todo o território nacional, países de línguas portuguesa e inglesa. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. Revista Web – Todo o território nacional. ISSN 2359-053x.

Falar de água no mês de março nos remete à poesia, a um mundo de paz e ternura. Afinal, estamos tratando do bem mais precioso do Planeta, sem o qual nem vida por aqui haveria.

Um tesouro que merece todo cuidado e respeito de todos nós, mortais, de modo que exista eternamente, cumprindo seu papel de alimento básico da biodiversidade de que fazemos parte.

Nós, da Xapuri Socioambiental, gostaríamos de homenagear a água com frases e imagens de alegria e encantamento, ao tratarmos do assunto como tema de capa da revista.

Entretanto, isso não é possível nos dias atuais. A maneira com que nós, brasileiros, tratamos da água chega a ser vergonhosa em muitos momentos. Com tendência a se agravar, o que é pior.

Nossa legislação sobre os recursos hídricos segue os ditames da Organização das Nações Unidas (ONU) de que a água é um bem comum, que deve ser repartido de forma equânime, portanto.

Entretanto, boa parte de nossos mananciais está nas mãos de poucos, como se fossem propriedades privadas. Cada vez mais caminhamos no sentido da sua privatização. E isto, convenhamos, é um absurdo.

Nos últimos meses, fontes da Agência Nacional de Águas (ANA) revelaram negociações do governo federal com a Coca-Cola sobre o acesso direto daquela megaempresa ao Aquífero Guarani, o maior provedor de nossas principais bacias fluviais.

Disso tudo, deduzimos que a questão da água exige um amplo debate nacional, com a máxima urgência. A Xapuri já está nele.

Mas, nesta sua edição nº 29, nossa revista traz muitos outros assuntos que merecem a atenção dos caros leitores e leitoras, como de costume.

Bom proveito!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores





**8 DE MARÇO.
DIA INTERNACIONAL DA MULHER**

Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura,
faz a Xapuri continuar acontecendo!

**ASSINATURA
ANUAL
12 EDIÇÕES**

R\$ 99^{,00}

ASSINE JÁ!
WWW.XAPURLINFO/ASSINE

Xapuri **29** MAR 17

SOCIOAMBIENTAL

10

CAPA
Água: um bem comum
ameaçado

34

MITOS E LENDAS
A lenda do Memorial
Serra da Mesa

18

CIDADANIA
Nós, mulheres negras,
podemos falar?

42

PLANALTO CENTRAL
Escola Agrícola Municipal
Lucila Saad Batista

32

MEIO AMBIENTE
Transgênicos:
lavouras viram pragas delas
mesmas

45

MUNDO ANIMAL
Pra quem gosta de admirar aves,
birdwatching

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

16

BIODIVERSIDADE
Pinhão-Bravo: uma planta
medicinal da Caatinga

28

MEMÓRIA
Castro Alves: o poeta da
liberdade

20

ECOLOGIA
Os princípios essenciais das flores

36

PERFIL
Flávio Dino: educação, a causa
mais urgente

24

ECOTURISMO
Wagôh Pakob
Espaço de vivência da força da floresta

40

SUSTENTABILIDADE
Existe vida extraterrestre?

46

URBANIDADE
Trânsito mal-educado

26

GASTRONOMIA
Bolo de laranja

50

LITERATURA
Dos ofícios: só de ouvir...



Mensagens pra Xapuri

Adorei o conteúdo da Xapuri. Abordagem ampla, vários assuntos.
Parabéns ao pessoal envolvido.
Jessica Costa Viola – Euclides da Cunha – Bahia.



A revista chegou quentinha hoje pela manhã e já teve sua primeira leitora, minha vó [para quem a Xapuri] é muito boa, preocupada com o meio ambiente e, segundo ela: "aqui tá falando dos aposentados, né? [O governo está] querendo tirar os direitos da gente!"
Gratidão à @revistaxapuri, amamos! Até os rouxinóis estão embalando a leitura dela.
Vanessa Oliveira – Patos – Paraíba.

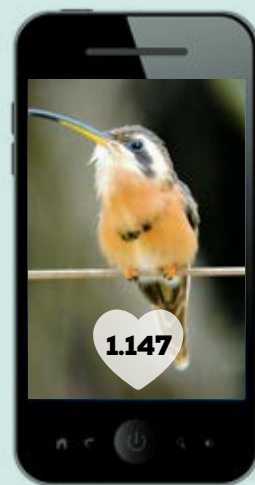
Fala, galera da revista Xapuri! Acompanho o trabalho de vocês e acho bacana demais, parabéns!
Gustavo Gorge – Belo Horizonte – Minas Gerais.

contato@xapuri.info

As imagens mais populares da @revistaXapuri



@fraanbio



@maharanytimoteo



@bernardesphotography



Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

MÊS DE MARÇO



Avante, mulheres guerreiras!

N o mês em que celebramos o Dia Internacional da Mulher, o Sindicato dos Bancários de Brasília exalta todas as mulheres, em especial as bancárias. Ser mulher no Brasil é sinônimo de luta e resistência, seja na vida profissional, política ou familiar. É desempenhar um papel fundamental para a construção de uma sociedade livre das limitações impostas pela discriminação de gênero.

Muito já foi conquistado a partir da mobilização das mulheres brasileiras. As trabalhadoras bancárias, por exemplo, já são a maioria da categoria. Além das vitórias nos itens de remuneração, as bancárias conquistaram importantes benefícios sociais que garantem mais qualidade de vida.

Apesar das inúmeras conquistas, ainda há muito para avançar. O machismo ainda é uma trava estrutural que impede a ascensão das mulheres trabalhadoras. Na luta pela igualdade de direitos e oportunidades, as mulheres brasileiras enfrentam agora uma nova batalha: lutar contra a reforma da Previdência Social, que

acaba com a conquista histórica de se aposentarem de forma diferenciada. Um retrocesso para as mulheres, que, mesmo trabalhando mais, ganham menos.

Em comemoração ao Dia da Mulher, o Sindicato recebeu, em 16 de março, no Teatro dos Bancários, a professora, filósofa e colunista da Revista Cult, Marcia Tiburi, que conduziu a palestra "Mulheres, política e sociedade contemporânea", abordando a importância das mulheres na política mundial, a representação das mulheres e a democracia contemporânea.

Marcia Tiburi é autora de diversos romances e livros de filosofia, como As Mulheres e a Filosofia (2002), Mulheres, Filosofia ou Coisas do Gênero (2008) e Como Conversar com um Fascista (2015).

Para o Sindicato, celebrar o Dia Internacional da Mulher é lutar por uma sociedade equânime entre homens e mulheres.

Mulher BANCÁRIA

Água

UM BEM COMUM AMEAÇADO

Jaime Sautchuk

Caso ocorra uma terceira guerra mundial, muitos já disseram, sua causa certamente será a disputa pelo controle de águas. Hoje, o precioso líquido é motivo de muitos embates internacionais. No Brasil, já é o principal gerador de conflitos no campo, segundo dados do governo federal e da CPT (Comissão Pastoral da Terra).

Com igual certeza, podemos afirmar que o Século 21, já bem iniciado, será o Século da Água, tal a dimensão que o problema vem assumindo. O que se vê, dia após dia, são ações cada vez mais apressadas de grandes corporações econômicas no sentido

de assumir o controle de mananciais em todos os cantos do Planeta, na superfície e no subsolo.

No caso brasileiro, por exemplo, vazaram por diversas fontes negociações do atual governo com a gigantesca Coca-Cola sobre a utilização, pela empresa, do Aquífero Guarani. Este reservatório natural alimenta algumas das principais bacias fluviais do Brasil e outros três países (Argentina, Uruguai e Paraguai). É enorme, mas é finito. E deve ser de todos, não de alguns.

Todos sabemos que o território tupiniquim é privilegiado em termos de recursos hídricos, a começar pelo fato de que abriga o

Amazonas, que é o maior rio do mundo em volume de água. No entanto, grande parte da população padece de falta d'água em suas moradias.

E não se trata apenas daqueles habitantes do semiárido nordestino, secular cenário de secas, mas de todo o território nacional. Inclusive, por mais incrível que pareça, os de Manaus, a capital amazonense, encravada na floresta amazônica, às margens do próprio rio Amazonas.

É bem verdade que, segundo dados oficiais, pequena parte (menos de 5% do conteúdo de nossos rios, lagos, pantanais etc.) é constituída de água potável.

Mas, convenhamos, ficam desde logo visíveis os problemas de gestão desses recursos, um assunto diretamente ligado às prefeituras municipais, mas que tem a ver com todos os escalões da federação, cada qual com suas atribuições.

QUEM FAZ O QUÊ

A gestão dos recursos hídricos, no Brasil, é disciplinada pela Lei 9.433/97, que regulamentou a Política Nacional de Recursos Hídricos, prevista na Constituição Federal (Artigo 21). Mas é complementada por uma complexa legislação, de áreas diferentes, que vão desde a Saúde até o Código Florestal.

Essas leis se sobrepõem, de modo que em muitos momentos

a Administração Pública empaca em desencontros entre as suas diversas esferas.

De qualquer modo, existe a Agência Nacional de Águas (ANA), órgão criado no ano 2000 e subordinado ao Ministério do Meio Ambiente. Sua função é regulamentar o uso dos recursos hídricos, com base no que é previsto pela Política Nacional. Em verdade, teria a atribuição de unificar as ações executadas por diferentes áreas do governo, mas tem demonstrado pouca eficácia nisso.

Em termos gerais, a área federal tem a missão de assegurar o dinheiro pra estudos, planos e investimentos, além da proteção em parques nacionais. Cuida do planejamento de âmbito nacio-

nal e dos recursos financeiros, portanto.

Mas, obras de maior vulto que envolvam água, como as grandes usinas hidrelétricas, são executadas diretamente pelo poder central, ainda que com participação subsidiária dos estados e municípios.

Neste caso, se enquadram as usinas de Jirau e Santo Antônio, no rio Madeira, em Rondônia, e a de Belo Monte, no rio Xingu, no sul do Pará, recém-construídas. Nos três casos, o conflito de atribuições aflorou. O de maior gravidade é o de Belo Monte, localizado do município de Altamira, que foi parcialmente tomado pelo lago da barragem, atingindo também a área indígena do Xingu.

Havia, no projeto, o compro-



misso de que parcela da cidade de Altamira seria reconstruída antes do enchimento do lago da barragem. Os recursos seriam do próprio orçamento da obra, mas parte da execução ficaria a cargo do estado e do município. O fato é que a hidrelétrica já está em operação e essas obras ainda não foram executadas.

Há também embates sobre a destinação dada aos lagos de barragens. O conflito começa por determinações de operadores de hidrelétricas que impedem, com respaldo legal, o uso desses reservatórios de água para outros fins. Ou seja, não se pode retirá-la pra irrigação agrícola, por exemplo.

O argumento central pra isso é o de que a maior parte das usinas opera no limite e precisa de todo o líquido dos barramentos pra girar suas turbinas. Legislação pertinente ao setor de energia se sobrepõe, portanto, ao princípio do uso democrático da água, que passa a ser propriedade de donos de usinas.

Um conflito de grosso calibre, da irrigação versus eletricidade, vem sendo travado, no momento, em torno do lago da hidrelétrica de Batalha, no rio São Marcos, da bacia do Paranaíba, na fronteira entre Minas Gerais e Goiás.

Voltando ao quem é quem na gestão pública dos recursos hídricos, pela legislação em vigor, aos governos estaduais cabe realizar o planejamento regional e investir em obras que abarquem vários municípios. É o caso de infraestrutura viária, aquedutos, no caso de abastecimento de água, ou linhas de transmissão e distribuição, quando se trata de energia elétrica.

Por fim, as prefeituras cuidam principalmente das redes de distribuição, fazendo com que a água chegue aos pontos de consumo, que vão de unidades industriais às residências dos moradores. E fazem, também,

investimentos na parte de tratamento desse volume que será consumido e no esgoto que é devolvido por esses mesmos consumidores.

Os cuidados com os mananciais, porém, estão meio ao Deus-dará. Há áreas protegidas nos três níveis da federação, mas a aplicação da legislação ambiental fica confusa. Assim, o barramento, assoreamento e poluição de nascentes e cursos d'água ocorrem em profusão.

É certo que a mesma Lei 9.433/97 criou a figura do Comitê de Bacia, um instrumento cuja função principal é ajustar as normas nacionais à realidade de cada bacia. A ele cabe, também, opinar sobre ações pontuais relacionadas a águas de subsolo, nascentes, veredas, lagoas, córregos e rios ali existentes.

Ainda persiste, porém, a prática de formação de comitês apenas pra efeito formal, pois a maioria segue os ditames dos operadores dos sistemas em plano nacional, sejam eles estatais ou privados. É certo que, hoje, alguns desses comitês já são formados de modo mais democrático, dando voz e voto a entidades da sociedade civil, como prevê a lei, mas esses ainda são poucos.

PRIVATIZAÇÃO

Logo no seu início, como fundamento, a Lei 9.433/97 determina que "a água é um bem de domínio público" e que "a gestão dos recursos hídricos deve sempre proporcionar o uso múltiplo das águas".

No entanto, a água potável consumida nas cidades brasileiras é vendida, sob a justificativa de que passou por um processo de tratamento e tem custo elevado pra chegar ao consumidor. A dos mananciais, porém, em tese pertencem à União, ou seja, é propriedade pública.

Em verdade, todavia, na zona rural, por exemplo, muitos proprietários se apropriam da água

como se um rio, um lago ou mesmo o lençol freático fosse deles. Os outros, em especial o pequeno produtor, às vezes já fragilizado por falta de apoios, fica sem acesso àquele recurso.

Muitos perfuram poços artesianos e vão buscar a água que está no subsolo, como se fosse parte da sua propriedade rural, ou mesmo urbana. No entanto, o lençol freático é como um manancial de superfície, não é propriedade privada de ninguém, mas sim um bem público, de uso comum.

Contudo, cada vez mais o Brasil se encaminha no sentido de privatização de mananciais, na lei ou na marra, como é o caso das negociações ora em curso com a Coca-Cola. Essa empresa é conhecida há quase um século por prática semelhante no mundo inteiro.

Já na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento realizada no Rio de Janeiro em 1992, a Rio-92, a água esteve presente em todos os debates. E foi colocada como a parte mais sensível e importante de toda biodiversidade do Planeta, que deve ser preservada e usada de modo equânime, no que obteve a concordância dos 123 chefes de estado presentes na ocasião.

A socióloga Vandana Shiva,

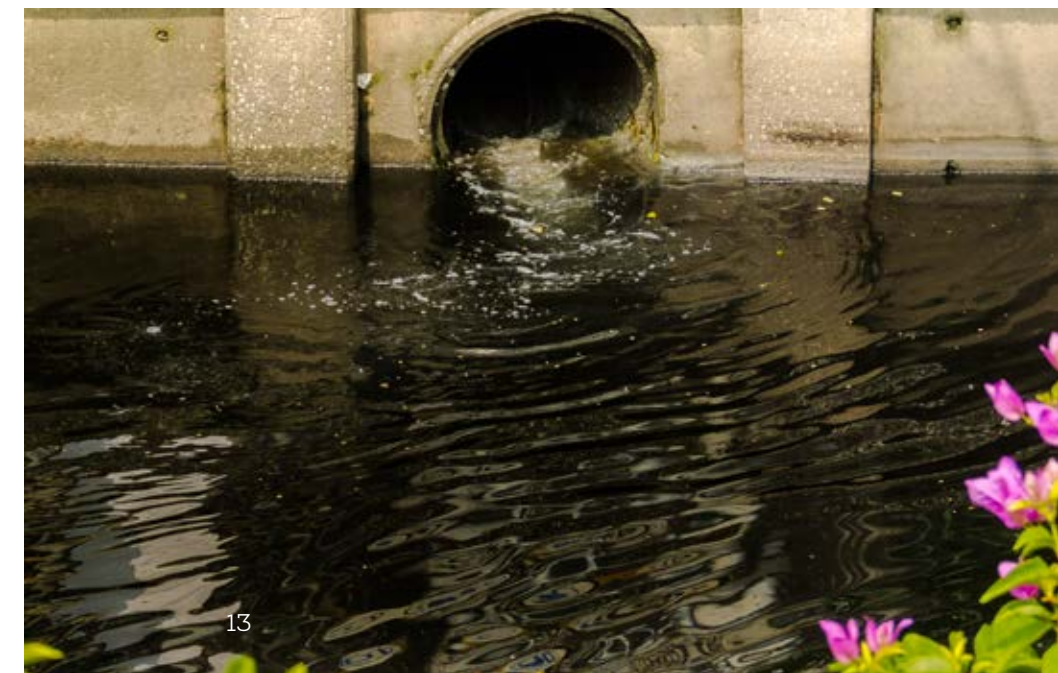
militante ambientalista indiana, esteve no evento e, muitos anos depois, em visita ao Brasil, alertava sobre os riscos da privatização, citando por acaso a empresa ora em questão. Disse ela:

"Os novos donos da água fazem dela o que bem entendem. Na Índia, a Coca-Cola simplesmente confisca a água de comunidades inteiras para suas unidades industriais. E isso ocorre no mundo inteiro."

No Brasil não é diferente. A empresa está no país desde 1941, a princípio acompanhando as tropas ianques que passavam por aqui durante a 2ª Guerra Mundial. Implantou as primeiras fábricas no Rio de Janeiro e São Paulo, inicialmente usando o concentrado importado dos Estados Unidos, mas já ocupando minas de água mineral.

Investiu fortemente em publicidade, com o slogan "Coca-Cola, isso faz um bem" e espalhou unidades pelo país inteiro, em muitos casos em associação com empresas brasileiras, pelo sistema de franquia. Cada litro do refrigerante produzido utiliza 1,8 litro de água, segundo dados da própria fabricante.

Além disso, a Coca-Cola produz a água mineral com a marca "Crystal", com e sem gás, também engarrafada no país inteiro, de



fontes diferentes, portanto. Mas é sempre a mesma água, já que a gaseificação é feita artificialmente, por meio da adição de gás carbônico na hora de engarrafar.

Isso tudo dá uma ideia do volume de água apropriado pela empresa e vendida aos consumidores na forma de refrigerante ou de água mesmo. É tanta que, há muitos anos, ela investe em campanhas que buscam comprovar que toda água que utiliza é reposta na natureza, através do apoio a projetos ambientais.

A “gigante das bebidas não alcoólicas”, como a Coca-Cola se apresenta nessas peças publicitárias, iniciou a campanha de “devolução” de água em 2007, prometendo que até 2015 estaria repondo 100% do seu consumo, meta que diz ter atingido. Agora, já divulga que pretende repor o dobro do que consumir.

Essa campanha da empresa está sendo feita simultaneamente em 61 países. No Brasil, e reposição de água estaria ocorrendo, segundo materiais da empresa nas redes sociais, através de dois projetos, um dos quais na Amazônia. Este, é na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro, área de 103 mil hectares sob supervisão da ONG Fundação Amazonas Sustentável.

O outro, é um projeto da ONG *The Nature Conservancy* (TNC) denominado Coalisão Cidades pelas Águas, que se destina a preservar nascentes de rios nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo.

São, no entanto, dados muito vagos, imprecisos e de difícil aferição, até porque dos projetos citados pela Coca-Cola participam dezenas de outras empresas e entidades, que apresentam resultados diferentes.

De qualquer modo, revelam a preocupação da empresa em se antecipar à investida que faz agora sobre o Aquífero Guarani.

MODELO AGRÍCOLA

A monocultura de grãos, espe-

cialmente soja e milho, que vem sendo implantada no Brasil é um exemplo escandaloso do uso predatório de nossos recursos hídricos. O consórcio de culturas com a pecuária, com respeito aos recursos naturais, preservando parte da biodiversidade nativa parece algo distante ao ruralista dos dias de agora.

Isso ocorre com maior intensidade quando se trata de agricultura irrigada, em especial a que utiliza o sistema de pivô-central, que movimenta grande volume de água. Um único pivô, com haste de 250 metros, pode remover quantidade suficiente pra abastecer uma cidade de 5.000 habitantes.

Em Goiás e Mato Grosso, onde essa prática é difundida em larga escala, há fazendas que operam com 20, 30 desses equipamentos em uma única área plantada, retirando a água de córregos e rios, principalmente. Nesses casos, esses cursos d’água esvaziam ou secam à jusante, prejudicando comunidades que necessitam do líquido, justamente nos períodos de pouca ou nenhuma chuva.

Na Serra Geral de Goiás, na fronteira desse estado com a Bahia, região recém-tomada pela monocultura, há registros oficiais de pelo menos 14 córregos que secaram completamente nos últimos sete anos, todos da bacia do rio São Francisco. Apenas como exemplo.

Isso ocorre principalmente pelo fato de os agricultores chegarem com seus tratores e estenderem as áreas cultivadas até bem próximo das águas, invadindo e soterrando veredas, onde ficam as nascentes. Além disso, normalmente não são feitas curvas de nível na lavoura, de modo que a água carrega parte do solo arado com facilidade até os cursos d’água, que assim são assoreados.

Por último, mas não menos grave, está o problema dos agrotóxicos borrifados sobre as lavouras, muitas vezes com agroavios. O fato é que o veneno contamina

os mananciais das redondezas, que ficam impróprios ao consumo, provocando doenças e mortes.

POLUIÇÃO

Por falar em envenenamento de águas, principalmente nas cidades e próximo a elas, mas também no campo, um dos grandes problemas enfrentados é o da poluição. Dejetos industriais, esgotos urbanos e rurais, lixo domésticos, contaminantes químicos, tudo se joga nos córregos, rios, lagoas, lagos, como se a água fosse um sumidouro de sujeira.

Muito pelo contrário. Mesmo o lixo que se desintegra deixa seu conteúdo na água, com efeitos danosos à vida. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em torno de dois milhões de pessoas, na maioria crianças com menos de cinco anos, morrem por ano no mundo por beberem água contaminada.

Além do mais, são muitas as doenças provocadas pela água poluída e contaminada. Estas podem não matar de imediato pessoas e animais, mas causam danos à saúde humana, lotam hospitais, afetando enfim a qualidade de vida de comunidades inteiras. Problemas de pele e no aparelho respiratório são os mais comuns, segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

PROVIDÊNCIAS

Isso tudo revela a maneira com que está sendo tratado no Brasil um problema que é do mundo inteiro. A gestão dos nossos recursos hídricos padece de providências urgentes, até pra impedir ações, cada vez mais comuns, que visem à privatização da água.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

PREVIDÊNCIA: *reformular para excluir?*

A Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 287, que propõe a reforma da Previdência, parte de uma premissa questionável: o gasto da Previdência seria “insustentável” e, se nada for feito de imediato, ele vai “implodir” as contas sociais. Uma grande falácia.

Desde que a Constituição Federal de 1988 instituiu a Seguridade Social, o financiamento é tripartite entre empregados, empregadores e Estado (através de impostos gerais pagos por toda a sociedade). Este modelo está consagrado por convenções e declarações internacionais de organismos como a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a própria Organização das Nações Unidas (ONU).

Segundo estudo da Anfi (Associação Nacional dos Auditores-Fiscais da Receita Federal do Brasil) e Fundação ANFIP de Estudos da Seguridade Social e Tributário, e do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) a respeito da previdência, esse “déficit” surge porque não se contabilizam as contribuições que são atribuições do Estado para compor a receita previdenciária. Desde 1989, só são consideradas no orçamento da Previdência as contribuições dos trabalhadores e dos empregadores sobre a folha de salário. O que seria a contribuição do Estado no esquema de financiamento tripartite instituído na Constituição, passa a ser então denominado “déficit”.

DESIGUALDADES ENTRE HOMENS E MULHERES

A reforma da Previdência promove a desigualdade de gênero e das condições de vida, no emprego e trabalho e na jornada de trabalho.

“Ao eliminar o bônus concedido às mulheres no tempo de contribuição e idade de aposentadoria, os formuladores da reforma desconsideram as condições desfavoráveis enfrentadas por elas no mercado de trabalho e a dupla jornada que realizam, tendo em vista a quantidade de horas por semana dedicadas aos afazeres domésticos e ao cuidado com os filhos. Ainda mais grave é a situação da mulher que trabalha no meio rural, submetida a rotinas penosas que interferem na saúde e reduzem sua capacidade produtiva prolongada e a própria expectativa de vida”, declarou o presidente do SINDPD-DF, Djalma Araújo Ferreira.

Em decorrência dos piores rendimentos e de inserções mais precárias no mercado de trabalho, 48,3% dos benefícios previdenciários concedidos para mulheres são de até um salário mínimo (23,9%, no caso dos homens). A aposentadoria por idade é a modalidade mais acessada por elas, devido à dificuldade para acumular anos de contribuição. Em 2014, 64,5% das aposentadorias concedidas para mulheres foram por idade (apenas 36,1% para os homens).

Os movimentos sindicais, sociais e a sociedade estão mobilizados para impedir que a reforma seja aprovada em prejuízo e retirada de direitos dos trabalhadores. Se existe a necessidade de reforma, que se faça nas super aposentadorias que oneram tanto os cofres públicos.





PINHÃO-BRAVO:

UMA PLANTA MEDICINAL DA CAATINGA

Eduardo Henrique

A Caatinga é um bioma rico em biodiversidade, com fauna e flora abundantes. Atualmente já existem 4.884 espécies de angiospermas descritas para este domínio fitogeográfico.

Além desse fantástico ecossistema, existe na Caatinga uma forte cultura popular que preserva os conhecimentos dos antepassados sobre o tratamento de enfermidades com os recursos naturais do bioma, principalmente com relação às plantas medicinais.

Sem dúvida, pode-se afirmar que grande parte desses conhecimentos empíricos se originaram dos povos indígenas, que foram os primeiros e por muito tempo os únicos a habitarem essa região semiárida do Brasil.

O pinhão-bravo (*Jatropha molissima*) é uma planta medicinal da família *Euphorbiaceae* muito comum no Semiárido brasileiro. Essa espécie arbustiva, de casca lisa e de ramos moles e suculentos, pode che-

gar a três metros de altura em locais de solos férteis e mais profundos.

A forma mais recorrente de utilização do pinhão-bravo é por meio da extração do seu látex para tratar cortes, ferimentos e picadas de serpentes.

O conhecimento popular do Semiárido atribui um poderoso efeito cicatrizante a esse látex. Afirma-se que bastam algumas aplicações da substância sobre o ferimento para seus efeitos benéficos serem observados.

Por outro lado, o tratamento para cura de picada de serpente é feito através do consumo do látex do pinhão-bravo, conhecido popularmente como "leite de pinhão".

Além disso, essa espécie possui potencial para diversas finalidades, tais como a extração de óleo da semente, que pode ser usado como laxante em animais, ou até mesmo na fabricação de tintas, lubrificantes e biocombustível.

Fotos: Eduardo Henrique



Eduardo Henrique de Sá Júnior
– Estudante de Agronomia na UFRPE, administrador da página Viva Caatinga, fotógrafo da natureza.

NÓS, MULHERES NEGRAS, PODEMOS FALAR?

Iêda Leal

AUTOESTIMA

*A beleza que nos conduz para a luta
é a mesma que nos mantém no dia a dia
como feras de presas saudáveis a agarrar o que nos é de direito,
tomemos o lugar que é nosso, que nos tomaram sem licença.
A minha licença, agora, será apenas por uma questão de educação ancestral.
Mas olharei na tua cara, através dos teus olhos, e direi:
não mais conduzirás meus anseios, meu amor, minha sorte.
Sou dona dos meus belos cachos, da minha pele cor de noite e do meu nariz.
Esse nariz que não passa moldes para o qual inventaram padrão.
Vá se chatear você, quando me vir passar com um belo sorriso largo, nos meus lábios largos.
Senhor opressor, preconceituoso da minha vida
vá você se inferiorizar
vá você se deprimir
por que eu vou andar nas ruas como se fossem passarelas a receber esta rainha negra.*

Jocelia Fonseca – Cadernos Negros. Volume 39 – Poemas Afro-Brasileiros.

Poderia ficar aqui, desenvolvendo um longo texto, desses pra dizer da importância feminina no mundo do trabalho, nas cidades e no campo. Registrar a importância da nossa participação no Parlamento, na Saúde, na Educação. Enfim... sem nós, mulheres, não haveria outros ou outras; sem nós não haveria coraço pra compreender as subjetividades da vida, não haveria o dom de amparar as situações mais delicadas... E não poderiam os homens terem ido tão rápido para o mundo. Pois quem ficaria como guardiãs das casas, das famílias, da organização de dentro sem irmos para fora?

Falaria ou escreveria aqui

durante horas sobre os diversos feitos das mulheres em casa, da doçura de criar e recriar os filhos dos filhos, da esperteza de se dedicar a uma vida cheia de tarefas domésticas "bem domesticadas", e assim arrancar agradecimentos em discursos de posse ou em dedicatórias de livros. Poderia ficar aqui elogiando essas mulheres que fazem muitos turnos e ainda se sentem parte da humanidade quando alguém lembra delas no 8 de março, no dia das mães, ou que às vezes são esquecidas ali no cantinho, por conta de alguma data mais importante.

Sim! Eu poderia ficar aqui falando e escrevendo sobre mu-

lheres que são homenageadas porque sabiamente se fizeram invisíveis para dar vez aos donos das casas (filhos, maridos, namorados, noivos, pais, pastores, amantes, padres, patrões, prefeitos, governadores).

Poderia escrever páginas e páginas sobre nós, mulheres negras... Da nossa importância, das nossas histórias, dos nossos sofrimentos. Somos guerreiras, sim! Conseguimos dar as mãos aos homens negros para que pudessem sobreviver nessa sociedade racista, que em determinado momento da construção de nossa história aqui, nessas terras, os arrancaram dos nossos seios, dos nossos braços e os

reduziram em meros reprodutores e trabalhadores sem nenhum reconhecimento intelectual; atirados a uma servidão opaca ao mundo branco, esquecendo-se de nós, do seu pertencimento civilizatório.

Mas achei melhor não perder meu tempo falando dessas situações que causam uma tristeza sem fim. Não vou escrever sobre essas coisas, não!!!

Irei me concentrar em reafirmar quem faz a luta diária para sobreviver nesse mundo machista/racista/homofóbico/branco/cristão, que insiste em nos empurrar para um lugar no qual nós não queremos ficar e não nos pertence.

Não somos mulheres sonhadoras, não somos mulheres apenas sensíveis, não! Não somos mulheres boazinhas, não somos mulheres somente meigas, só apaixonadas pelo que fazemos, nós não somos mulheres de vida fácil, não! Nós não somos só mulheres compreensivas e bem-comportadas, nós não somos sexo frágil, não... nós não somos bobinhas.

Somos MU LHE RES. Absolutamente mulheres que sobrevivemos há séculos num mundo que quer nos subordinar e não nos garante tranquilidade para sermos o que somos. Então, nós nos transformamos diariamente em Lélias, Luizas, Clementinas, Dandaras, Acotirenes, Hildas, Joanas, Marias, Margaridas, Iracemas, Chicas, Billies, Dolores, Elizetes, Carmens, Antonietas, Abutas, Aídas, Neumas, Laudelinas, Citas, Terezas, Aqualtunes, Efigênicas, Auzitas, Adelinas, Anastácias, Saraís.

Mulheres Negras... São Negras Mulheres que foram empoderadas ao longo das suas vidas e ensinaram ao mundo que todo o compromisso tem de estar ligado à nossa ancestralidade. Somos

conectadas com a esperança civilizatória, buscando sempre comprometer-se com a nossa negritude como um projeto político que dê sustentação ao nosso Bem-Viver.

Portanto, 8 de março ou qualquer outra data serve para dar maior visibilidade às nossas lutas; são datas de referência para darmos continuidade ao nosso plano de resgate da autodeterminação do povo negro no mundo.

Precisamos transformar todos os nossos dias em dias de luta. E, assim, continuaremos honrando as histórias de cada uma. São exemplos de sobrevivência negra.

Lutaremos, sempre, por um mundo melhor, por uma concepção de vida coletiva que respeite a diversidade humana e garanta as relações com todo o universo de forma harmônica.

Que venham então todas as datas. Estamos preparadas para uma luta que será liderada por nós, todas as mulheres do mundo.

Iêda Leal

Filha de Maria, neta de Iracema e Efigênia, irmã de Iara e Ivana, mãe de Naomi, Nualla, Naila e Júlia. Essa sou eu.



OS PRINCÍPIOS ESSENCIAIS das flores

As plantas contêm princípios essenciais – umas em maior quantidade, outras em menos; umas exalam fragrâncias inebriantes, outras, olores mais suaves, e de muitas emanam aromas insípidos ou mesmo fétidos.

Quando a flor está prestes a se abrir, algumas de suas células passam por profundas alterações que dão origem a substâncias voláteis. Esses óleos essenciais e voláteis se acham contidos em pequenos veios interiores da planta. Parte dessas substâncias se evapora e a flor, então, desprende odor: o perfume.

Os veios oleosos encontram-se concentrados em determinadas partes do vegetal. Numas, aparecem na raiz – como no vetiver – ou nos rizomas – como

no iris. Noutras, são as folhas seus maiores depositários – como no caso do patchouli e do gerânio (*Pelagornium graveolens* e *Pelagornium odoratissimum*). Madeiras como o sândalo, o cedro e os bálsamos de Tolu e do Peru são igualmente férteis em essências.

Contudo, são as flores, em grande número, as mais ricas fontes de óleos essenciais, transformados por conhecedores em extratos e perfumes de efeitos mágicos nas artes da beleza.

Cultivadas não somente como ornamentos, tendo muitas outras aplicações, as flores, caprichosas criaturas, são sensíveis aos lugares onde crescem e aos momentos do dia.

Assim é que, nos Alpes, a fragrância

da violeta é mais doce e, na Itália, sobretudo em Parma, a violeta agrega óleos essenciais mais fortes e embriagadores. Inigualáveis são as rosas da Síria e suas irmãs da Bulgária. Não há lavanda tão docemente penetrante quanto a inglesa, nem jasmim tão perfumado quanto o da Espanha. Na região do Grasse, na Provença francesa, dão-se esplendidamente as flores de cheiro mais variadas

Há flores que escolhem a noite para exalar seus perfumes. Assim são a dama-da-noite e o gerânio triste. Só de dia, desprendem seus aromas, por exemplo, os cestros diurnos e algumas ninfeias, recusando-se à noite suas dádivas. Muitas, por sorte, perfumam o ar noite e dia.

Conhecendo-se bem e podendo expandir as horas mais propícias à expansão de seus corpos odoríferos, é possível delas extrair as essências mais abundantes e preciosas. Dessa arte ocuparam-se quase todos os povos desde os começos das civilizações.

Os óleos essenciais não apenas prestaram e prestam à vaidade dos humanos por suas qualidades aromáticas e por seus efeitos tônicos, adstringentes e amaciadores da pele, e restauradores dos cabelos, como também foram muito procurados para ritos sacros – no sentido de agradar aos deuses – e para as práticas mortuárias cultivadas por diferentes povos.

Henda

Henda – Excerto do livro Segredos de Tias e Flores, Editora Relume&Dumará, 1994.



Questão hídrica será foco das escolas de séries iniciais no Gama

Atualmente, a situação em que se encontra a disponibilidade da água doce, bem como os problemas gerados devido à falta de uma maior responsabilidade frente ao seu uso configura uma preocupante realidade que demanda uma urgente mobilização social.

Esse fato levou professores das escolas de séries iniciais do Gama a preparar, desde o ano passado, projetos socioambientais – que serão aplicados em 2017.

O objetivo maior é propiciar ao estudante, por meio de um trabalho

interdisciplinar, uma ampla reflexão acerca da água e a sua fundamental importância para a vida, fomentando a conscientização em relação à necessidade do seu uso racional e demais fatores do ponto de vista científico.

Adail Santos, professor da educação infantil, do Centro Educacional Engenho das Lajes, zona rural do Gama, conta que em 2016 era orientador de estudos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e naquele ano a temática desenvolvida foi ciências. “A ideia era mudar o foco das ciências e tratar as questões ambientais com as crianças, entrando mais fortemente na questão ambiental e sustentabilidade”, disse.

Ele explicou que tudo começou em setembro do ano passado, “quando fizemos uma reunião com quase 300

professores de anos iniciais da regional de ensino do Gama. Daí ocorreram diversos encontros (com educadores ambientais e professores de Biologia, inclusive) para capacitar o professor para trabalhar com seus estudantes as ciências dando base para as questões de sustentabilidade. Que a sustentabilidade viesse para fortalecer a alfabetização das crianças e, ao mesmo tempo, criasse essa consciência ambiental”.

Segundo Adail, cada escola produziu pré-projetos, que serão implantados ao longo de 2017. Nesses pré-projetos o foco maior foi a água. “A partir do estudo da água, os professores podem abordar solo, plantas, seres vivos, biodiversidade e assim por diante, além de abordar a crise hídrica pela qual o DF está passando”, disse.



Visita à nascente do Catetinho, em 2016

Foto: Arquivo da Escola



Estudantes da EC Ponte Alta de Cima do Gama em atividade de campo

De acordo com o docente, “o grupo de professores que participou desse projeto está muito sensibilizado com a causa ambiental. Os colegas querem fazer este trabalho, conscientizar as crianças e, por meio delas, chegar à comunidade e a comunidade entender os problemas que vivemos hoje no DF”.

Das 29 escolas de anos iniciais do Gama, dez já disseram que a questão vai entrar no projeto político-pedagógico (PPP) dessas unidades de ensino – com cerca de 270 professores envolvidos diretamente nos projetos.

Preocupação – Adail vai além e faz uma reflexão: “Eu penso que as escolas precisam, urgentemente, se atentar mais às questões da sustentabilidade. Enquanto

estivermos apenas preocupados se o estudante sabe o que é um substantivo ou se sabe resolver uma expressão numérica, enquanto esse sujeito ficar

limitado somente ao conteúdo e não expandir mais o seu conhecimento, a ação dele ao redor da prática social ficará comprometida. É preciso uma inserção melhor na sociedade, para cuidar do meio ambiente, para cuidar dos recursos hídricos, para cuidar da sustentabilidade como um todo. A escola precisa atentar que, para além dos muros dela, existe uma comunidade, que existe uma natureza, que necessita dela [escola], pois ela é um grande encontro de pessoas que pode interferir lá fora, cuidando e preservando tudo o que está aí”.

Mais ações – O professor contou ainda que paralelamente, com a educação infantil, desde o ano passado “temos um movimento chamado MIOG (Movimento Infantil Ocupe o Gama), com o intuito de as crianças ocuparem os espaços naturais do Gama para poderem visitar, entenderem esses espaços, e cobrar da sociedade e do governo o porquê do abandono desses espaços. Por que as pessoas estão invadindo com construções as nascentes do Gama?”, indagou Adail.

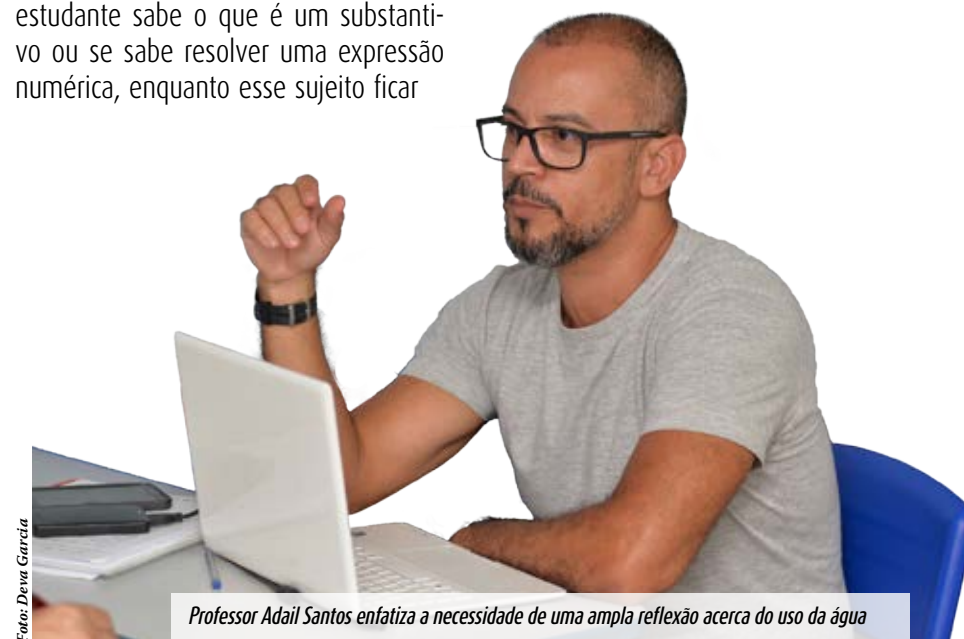


Foto: Deva Garcia

Professor Adail Santos enfatiza a necessidade de uma ampla reflexão acerca do uso da água

WAGÔH PAKOB

ESPAÇO DE VIVÊNCIA DA FORÇA DA FLORESTA

Zezé Weiss, em colaboração com Gasodá Suruí

Para quem se desloca por esse Brasil afora em busca de experiências únicas de comunhão com a natureza, no estado de Rondônia, a cerca de 40 km da cidade de Cacoal e a 450 km da capital Porto Velho, o povo indígena Paiter-Suruí oferece roteiros paradisíacos em seu Centro Cultural Indígena Paiter Wagôh Pakob.

Localizado na Aldeia Indígena Paiter Linha 9, uma das 27 aldeias existentes na Terra Indígena 7 de Setem-

bro, do povo Paiter-Suruí, o Wagôh Pakob, que em língua Paiter significa a "força da floresta", oferece a oportunidade única de um ou mais dias de vivência em uma aldeia indígena, no coração da floresta amazônica.

Ali, sob o olhar atento do turismólogo Gasodá Suruí, coordenador cultural da Aldeia e fundador do Wagôh Pakob, junto com seus irmãos Urariwe e Chicoepab, quem chega de visita recebe sempre o convite para se

imersão no vasto e fascinante mundo de uma pequena comunidade indígena de 200 pessoas, entre adultos, jovens e crianças.

O Centro Cultural Wagôh Pakob serve como espaço de repasse de informações dos conhecimentos tradicionais dos mais velhos para os mais novos, para a valorização e preservação da cultura tradicional Paiter-Suruí, e como um local de intercâmbio entre povos indígenas e não-indígenas.

ATRATIVOS ESPECIAIS E ÚNICOS DO WAGÔH PAKOB



NIIGUEY ESIH, o Rio Guapó – Para chegar ao Centro Cultural, você precisa atravessar, de barco, o rio Guapó, um dos principais rios que banham a Terra Indígena Sete de Setembro. Boa parte de suas aventuras no Wagôh Pakob, da pesca ao passeio de canoa, passará pelas águas do rio Guapó.



CULINÁRIA – Você se surpreenderá com as delícias típicas da gastronomia Paiter-Suruí, composta em especial por pratos de caça e pesca, pelas bebidas feitas de cará, batata, macaxeira e outras plantas locais, e pelo gongo, retirado do coco de babaçu, um dos principais alimentos do povo Paiter-Suruí.



IAMAH – O Iamah é um tronco de madeira, pintado com tinta de urucum, que serve de banco e de "trono". Como parte do patrimônio sagrado, o Iamah só pode ser usado pelas pessoas convidadas pelos Paiter-Suruí. Sentar-se no Iamah será, portanto, um privilégio e uma honra a você concedida pelo povo Paiter-Suruí.



LABGUPY – É na "maloca", feita de palha de babaçu, sustentada por armações de madeira com amarrações feitas com imbiras e cipós, seguindo o padrão de construção das moradias tradicionais, que fica o local de hospedagem do Centro Cultural. Nela, cabem entre 10 e 12 pessoas nos redários. As redes, muito confortáveis, são todas tradicionais e feitas pelas artesãs Paiter.



PASAB GALAH EPEH – É nessa "Trilha do Bambuzal" que você andarà pela floresta com guias Paiter-Suruí por cerca de 5 km em completa comunhão com a natureza, entre animais raros, plantas exuberantes e se deliciando com as águas limpas dos igarapés.

COMO FAZER PARA VISITAR O CENTRO CULTURAL PAITER-SURUI

A comunidade Paiter-Suruí gosta muito de visitas e terá imenso prazer em receber você. Veja como fazer para visitar o Centro Cultural Paiter-Suruí:

1. Toda visita precisa ser pré-agendada via e-mail: culturapaiter@gmail.com
2. A taxa de entrada é de R\$ 20 por pessoa/dia. Serviços de alimentação típica e guias indígenas são calculados à parte, no processo da reserva.
3. O pacote individual completo, incluindo alimentação, hospedagem, contação de estórias e histórias, pintura corporal, trilhas na mata e convívio com os Paiter-Suruí custa R\$ 200 por dia.
4. Há possibilidade de pernoite ou mesmo de permanência na reserva por vários dias

para grupos de até 12 pessoas. Em caso de interesse, deve-se enviar uma proposta para o e-mail de contato do Centro Cultural, contendo objetivos da visita, quantidade de dias e serviços demandados.

5. O povo Paiter-Suruí agradecerá muito se, depois de sua visita, fotos e comentários forem enviados para a comunidade.

Zezé Weiss – Jornalista Socioambiental.
Gasodá Suruí – Líder indígena do povo Paiter-Suruí.
 Coordenador do Centro Cultural Wagôh Pakob.

BOLO DE LARANJA

(aprendido numa sala de professores)

Lúcia Resende

Fora de casa, talvez não exista melhor lugar de convívio que uma sala de professores. É ali que a gente se reúne para debater as questões escolares, para trocar experiências, para buscar soluções para problemas que vez ou outra nos parecem insolúveis.

É na sala de professores que a rotina da escola se movimenta, se renova. Que a educação ganha crença, que a crença se revigora. Leituras, debates, planejamentos, avaliações, estratégias, objetivos, tudo junto e misturado, um espaço de comunhão e

de aprendizado. A sala de professores pulsa, e pulsa forte. Nela, aprendemos em comunhão.

E é também ali que professores e professoras compartilham os momentos de pausa na rotina escolar, descansam o pouco que podem, jogam conversa fora e, é claro, comem, porque saco vazio não para em pé.

Ah, o lanche! Pois às vezes tem delícias trazidas por alguém, outras vezes é um cafezinho com língua mesmo. Mas a prosa animada vale de todo jeito.

A receita desta edição aprendi numa sala de professores, na Escola Classe Cerâmicas Reunidas Dom Bosco,

na zona rural de Brasília. Ali era espaço de compartilhamento, de com-vivência.

Certa tarde, a gente estava ali só com o cafezinho e umas bolachinhas, se bem me lembro. Uma colega que estava com horário vago logo se propôs a fazer "rapidinho" um bolo de laranja, fruta que tínhamos com fartura. Lá foi ela, nossa querida Ruth Telles Gebrim, professora de Artes e cozinheira de mão cheia, para a cozinha. Na hora do recreio, a surpresa: uma verdadeira delícia, e todo mundo pedindo a receita! Aqui em casa, o bolo de laranja da Rutinha é presença certa na mesa quando quero agradecer uma visita. Agora, compartilho com quem lê a Xapuri!

Ingredientes

1 laranja (só não pode ser laranja-lima)
1 ½ copo de açúcar
2 copos de farinha de trigo
5 ovos
1 pitada de sal
½ copo de óleo
1 colher de fermento em pó

Cobertura

1 laranja
4 colheres de açúcar

Modo de fazer

Escolha duas laranjas sadias e lave bem, com bucha e sabão. Para a massa, corte em cruz uma delas com casca e tudo, no sentido do comprimento, retire a parte branca do centro e todas as sementes (importante verificar direitinho, uma só semente pode amargar todo o bolo). Coloque no liquidificador com o açúcar, os ovos inteiros e o óleo. Bata bem. Em seguida, acrescente a pitada de sal, a farinha de trigo e o fermento. Bata rapidamente, desligue o liquidificador. Se preciso, termine de misturar com uma colher. Coloque em uma assadeira retangular, untada e enfarinhada, e asse em forno médio.

Quando o bolo estiver assado, esprema o caldo da outra laranja em uma panelinha, coloque as colheres de açúcar e leve ao fogo. Quando abrir fervura e levantar bolhas, desligue. Com uma colher, jogue sobre o bolo com cuidado, esparramando bem. Pronto! Deixe esfriar. Depois, é só se preparar para saborear e repetir a receita muitas e muitas vezes, porque este bolo é fácil, rápido e simplesmente delicioso!



Lúcia Resende
Professora
 @mluciares



Castro Alves:

O poeta da liberdade

Iêda Vilas-Bôas

Mês de março, dedicado à poesia e ao poeta Castro Alves, o patrono da cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras, um homem que muito amou e foi amado, e entre seus amores figurava como o maior de todos uma dama fugidia e indomável: a Liberdade!

De nome completo era Antônio Frederico de Castro Alves, entre a classe intelectual Poeta Castro Alves, entre os amigos, Castro, e na intimidade dos seus era Cecéu. Nasceu na Fazenda Cabaceiras, Distrito de Curralinho-BA (Hoje Castro Alves) em 14 de março de 1847.

Morreu precocemente, com

apenas 24 anos de idade, vitimado pela tísica, em Salvador-BA, em 6 de julho de 1871. Desde 1947, centenário de seu nascimento, seus restos mortais repousam ao pé de sua estátua na Praça Castro Alves em Salvador.

Era um rapaz de beleza marcante, de porte esbelto, charmosa palidez, grandes e vivos olhos negros, negra e farta cabeleira, herança de seu sangue espanhol do lado materno. De voz possante, saía-se muito bem nas impostações vocais, quer seja em um comício, onde não havia o apoio das tecnologias de hoje, quer a declamar

versos nos ouvidos das inúmeras mulheres que lhe distraíram as paixões carnis ou telúricas.

Possuía uma educação primorosa e tinha facilidade tal de comunicação que envolvia qualquer um que o ouvisse. Aos homens causava admiração e inveja; das mulheres, arrebatava o coração. Era um D. Juan romântico e cuidadoso com as causas do coração, mas quando o assunto era a República e a Liberdade, era muito mais que um amante apaixonado.

À abolição da escravatura e à Liberdade dedicou todo seu

talento e seus dias. E é nessa linha que se faz conhecido como o mais inspirado poeta da Geração Condoreira, o poeta defensor dos Escravos.

Castro Alves trazia em seu sangue a paixão, a amor e a sensibilidade. Vinha de uma família onde o amor passional tomava todos os sentidos. Foi criado ouvindo os gritos e lamentos da tia louca – Pórcia – que, desobedecendo às regras de sua sociedade, fugiu com Leorcino, homem casado. Uma mácula para a família Castro, para o velho Coronel Castro, o Periquitão, seu avô, um soldado sertanejo e rude.

A honra foi lavada quando o pai encontrou a fugitiva nas brenhas do sertão e a obrigou a deixar o amante. Para tentar dissuadir o pai, a moça correu ao quarto e buscou seu filhinho, beirando os dois anos. Sem dó nem piedade, o velho toma da espada e parte a criança ao meio. Pórcia enlouquece para sempre. A partir de então, seus lamentos passaram a povoar o imaginário e um quarto do casarão da família. Essa foi uma marcante e triste história de amor apresentada precocemente ao menino Cecéu.

O grande Jorge Amado em seu *ABC de Castro Alves* resalta o caráter combativo e apaixonado de Castro Alves: *foi um artista que encarou a vida de frente, que não teve medo de se envolver nos problemas dos homens*. A vida foi, muitas vezes, cruel com o menino Cecéu: perdeu sua mãe com apenas 12 anos e seu irmão, Antônio José, cometeu suicídio poucos anos após a morte da mãe.

Do pai herdou o gosto pelas artes, pela leitura, músi-

ca, poesia e pela declamação de versos. Foi em seu lar que, primeiramente, os versos do poeta despertaram. O doutor Antônio, seu pai, era um valeroso médico que se dedicou ao sanitarismo e morreu enfrentando a “bexiga” que assolou a Bahia naqueles doloridos anos de 1800 e poucos.

Em 1863, o poeta tenta ingressar na Faculdade de Direito do Recife, mas só obtém êxito no ano seguinte. Entretanto, foi em Recife, nesse clima propício à liberdade e ao amor que Castro Alves publicou seu primeiro poema contra a escravidão: *A canção do africano*.

Foi também nesse decisivo ano de 1863 que se manifestou a tuberculose, doença que o vitimou, e que conheceu a atriz portuguesa Eugênia Câmara, sua segunda maior paixão.

Eugênia serviu-lhe de inspiração e a partir do ano de 1866 viveram momentos de intenso amor, mesmo tendo o poeta enfrentando opiniões e comentários acerca da moral de sua musa, que era dez anos mais velha que ele, tinha sido casada, era separada do marido e levava a pecha de ser amante de um rico português chamado Veríssimo Chaves. Nada ofuscou o amor do poeta e a esse amor entregou-se perdidamente.

Outro importante momento de sua vida foi a fundação, juntamente com Rui Barbosa e outros amigos, de uma sociedade abolicionista. Continuou seus estudos em São Paulo, mas não concluiu o curso. Escreveu versos apaixonantes e apaixonados, contudo sua obra se caracteriza por uma produção literária marcada pela defesa da abolição da

escravatura e pela aspiração do ideal de proclamação da República. Nessa linha escreveu uma peça de teatro, o drama Gonzaga ou a Revolução de Minas, encenada pelo seu grande amor, nos palcos de Salvador e de São Paulo.

Em setembro de 1868 declamou publicamente *Tragédia no mar – O Navio Negreiro*, que ainda hoje repercute como clamor à liberdade. Nesse mesmo ano, Eugênia Câmara compreende que não pode competir com as paixões sociais de seu amado. Deixa-o. Extremamente apaixonado, o poeta se ressentia desse rompimento e sua doença se agravava, com recorrentes crises de hemoptises.

Durante uma caçada se feriu no pé com um tiro e teve de passar, sem anestesia, pela amputação de seu pé esquerdo na altura do tornozelo. A tuberculose se agrava ainda mais, e ele parte de volta para sua terra natal e suas raízes familiares em busca de consolo ao seu coração e de saúde física.

Sem melhoras, o poeta retorna mutilado, deprimido e muito debilitado ao casarão da família em Salvador. Entre um acesso e outro de tosse, o incansável abolicionista implorava ao Senhor: *Dai-me, meu Deus, mais dois anos para escrever tudo o que tenho na cabeça!* Não foi ouvido. No meio de uma tarde, nos braços da irmã, o Poeta dos Escravos parte rumo à infinidade. Calou-se para sempre a voz do gênio. Permanecem seus versos como arautos da Liberdade!



Iêda Vilas-Bôas
Escritora



REFORMA DA PREVIDÊNCIA IGNORA 426 BILHÕES DEVIDOS POR EMPRESAS AO INSS

Ana Magalhães

Enquanto propõe que o brasileiro trabalhe por mais tempo para se aposentar, a reforma da Previdência Social ignora os R\$ 426 bilhões que não são repassados pelas empresas ao INSS. O valor da dívida equivale a três vezes o chamado déficit da Previdência em 2016. Esses números, levantados pela Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional (PGFN), não são levados em conta na reforma do governo Michel Temer.

“O governo fala muito de déficit na Previdência, mas não leva em conta que o problema da inadimplência e do não repasse das contribuições previdenciárias ajudam a aumentá-lo. As contribuições não pagas ou questionadas na Justiça deveriam ser consideradas [na reforma]”, afirma Achilles Frias, presidente do Sindicato dos Procuradores da Fazenda Nacional (Sinprofaz).

A maior parte dessa dívida está concentrada na mão de poucas empresas que estão ativas. Somente 3% das companhias respondem por mais de 63% da dívida previdenciária. A Procuradoria estudou e classificou essas 32.224 empresas que mais devem e constatou que apenas 18% são extintas. A grande maioria, ou 82%, são empresas ativas.

As 20 empresas que mais devem para a Previdência Social, em milhões de reais, são: 1) Varig – 3.713; 2) JBS – 1.837; 3) VASP – 1.683; 4) Associação Educacional Luterana do Brasil – 1.582; 5) Banco Comercial Banesa – 1.418; 6) Transbrasil Linhas Aéreas – 1.219; 7) Marfrig – 811; 8) Instituto Candango de Solidariedade – 700; 9) Instituto Presbiteriano Mackenzie – 648; 10) Águas e Esgotos do Piauí – 585; 11) Prefeitura Municipal de Guarulhos – 564; 12) Associação Sulina de Crédito e

Assistência Rural – 550; 13) Prefeitura Municipal de São Paulo – 549; 14) Caixa Econômica Federal – 549; 15) Teka (em recuperação) – 531; 16) Dedini (em recuperação) – 500; 17) Gazeta Mercantil – 484; 18) Eucaturn – 480; 19) Campanha de Saneamento Ambiental do Mar – 475; Banco Bradesco – 465.

PARTE DA DÍVIDA NÃO PODE SER RECUPERADA

Apesar de a maior parte das empresas devedoras estarem na ativa, no topo da lista há também grandes companhias falidas há anos, como as aéreas Varig e Vasp. Por isso, nem toda a dívida pode ser recuperada. É provável que quase 60% do valor devido nunca chegue aos cofres do INSS – ou porque são de empresas falidas, em processo de falência, tradicionais sonegadas ou laranjas.

Apenas R\$ 10,3 bilhões (4% do montante da dívida) têm alta probabilidade de recuperação, segundo estudo da Procuradoria divulgado em março do ano passado. Do classificado à época, referente a R\$ 375 bilhões de dívidas, constatou-se que 38% têm média chance de recuperação; 28% tem baixa chance e 30% tem chances remotas.

Em 2016, a Procuradoria recuperou apenas R\$ 4,15 bilhões dos créditos previdenciários, 0,9% da dívida previdenciária total. Apesar disso, a Procuradoria diz tomar medidas para recuperar esse valor. “Estamos num momento em que sempre se ronda o aumento da carga tributária, e a PGFN entende que o verdadeiro ajuste fiscal é cobrar de quem deve para não onerar quem paga”, diz Daniel de Saboia Xavier, coordenador-geral de grandes devedores da Procuradoria.

POR QUE A DÍVIDA É TÃO ALTA?

A morosidade da Justiça, a complexidade da legislação tributária brasileira e os programas de parcelamento do governo são apontados como os principais fatores que explicam a alta dívida previdenciária no país.

“Não é um crime dever, e gran-

des grupos empresariais se beneficiam disso, questionam valores na Justiça e ficam protelando a vida inteira”, diz Sônia Fleury, professora da Fundação Getúlio Vargas.

A criação de varas específicas e especializadas poderia agilizar esse tipo de cobrança, segundo o presidente da Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil (Anfip), Vilson Romero. “A única forma de fazer com que as empresas não fiquem devendo ao INSS seria ter uma estrutura fiscalizadora e cobradora mais eficiente e eficaz, o que chega a ser utopia no Brasil de hoje”, avalia Romero.

Sem a criação dessas varas, o sistema de cobrança continua lento. Uma ação de cobrança da Fazenda Nacional demora cerca de nove anos no Brasil, segundo um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), de 2012. A responsabilidade pela cobrança das dívidas é da PGFN. Por outro lado, é dever da Receita Federal fiscalizar se os repasses previdenciários estão de fato ocorrendo, mas o trabalhador pode também conferir se a sua empresa está cumprindo a obrigação dos repasses pedindo, em uma agência do INSS, o extrato CNIS (Cadastro Nacional de Informações Sociais).

A complexa legislação tributária do país é outro motivo para o alto

volume dessa dívida, na avaliação da assessora política do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc), Grazielle David. Hoje, os inadimplentes da União pagam multa sobre a dívida, mas, segundo a especialista, essa multa vem sendo reduzida pela Receita Federal, pela Procuradoria e pelo INSS nos últimos anos, em decorrência do parcelamento especial de débitos tributários.

A Procuradoria informou, por meio de sua assessoria, que “o que tem prejudicado a cobrança dessas dívidas, em realidade, são os sucessivos programas de parcelamento especial (REFIS) editados nos últimos 17 anos. Os devedores têm utilizado esses parcelamentos como meio de rolagem da dívida, migrando de programa de forma sucessiva, sem, contudo, quitar os débitos”.

Ana Magalhães

Excertos de matéria publicada originalmente em reporterbrasil.org.br e fitratelp.org.br



TRANSGÊNICOS:

LAVOURAS VIRAM PRAGAS DELAS MESMAS

O uso generalizado de sementes geneticamente modificadas, especialmente de soja e milho, está provocando nova mutação perversa, dentre as tantas já comprovadas. As lavouras desses dois produtos, que se revezam nas mesmas áreas de plantio, estão virando pragas delas mesmas, em quase todo o território nacional.

O fenômeno era previsível, quase óbvio, de simples explicação. Quando colhidos, os pés de grãos transgênicos deixam pra trás suas raízes e sementes que caíram na terra, mas elas não morrem quando é aplicado o veneno (herbicida) que mata as outras vegetações que brotam, consideradas pragas.

Assim, por exemplo, a soja colhida na última safra rebrota no meio do milho recém-plantado na chamada safrinha de outono e inverno, causando uma série de problemas, com redução na produtividade da lavoura. E quem mais perde é o produtor adepto desse tipo de agricultura.

No entanto, até agora as multinacionais pro-

dutoras dessas sementes, com a ianque Monsanto na dianteira, não têm solução a oferecer, e sugerem que a Embrapa se encarregue do assunto. De modo que a estatal brasileira de pesquisas é chamada a corrigir um erro que tentou evitar quando da introdução da transgenia no país, duas décadas atrás.

Vale lembrar que a empresa criou a soja tropical, que permitiu o cultivo deste feijão nas demais regiões, além do Sul, onde as condições climáticas eram apropriadas. Hoje, é plantada inclusive em Rondônia, Mato Grosso e Pará, em áreas onde havia floresta amazônica.

Mas isto sem a aplicação da engenharia genética, de uso bastante restrito na Europa e completamente proibido no Japão, por seus efeitos danosos à natureza e à saúde humana. A FAO e a OMS, organismos das Nações Unidas (ONU) ligados à agricultura, alimentação e saúde têm severas restrições ao seu emprego.

Uma coisa é a adaptação de vegetais e animais a novos ambientes, com climas, solos e regimes de águas diferentes, como ocorre com

frequência. Outra, muito outra, é sua modificação por meio de organismos geneticamente modificados (OGMs), os transgênicos, que transportam genes de um lugar pra outro, com cargas de bactérias e vírus em seu interior.

Os efeitos dessa transferência, especialmente no organismo humano, ainda são pouco conhecidos da ciência. Porém, quando mais se conhece, mais se constata que são provocados mais danos do que benefícios. Por isso, as restrições impostas.

O caso da batata transgênica na Europa é exemplar. Após uma década de proibição, alguns países, como a Alemanha, permitiram seu cultivo, mas não como alimento, nem mesmo de animais. É usada apenas na produção de papel, celulose e produtos têxteis.

O fato é que as plantas modificadas têm a capacidade de produzir substâncias em

tese mais resistentes a insetos e larvas, por exemplo. O problema é que essas lavouras contaminam com seus genes, de diversas formas, os ambientes das proximidades, matando muito do que houver por ali, inclusive abelhas, borboletas e outras plantas que não são daninhas.

Até recentemente, os "fabricantes" das sementes transgênicas diziam que os genes introduzidos agiam apenas sobre uma parte das plantas. Agora, no entanto, já se comprova que afetam a planta toda, inclusive os talos que ficam após a colheita e rebrotam como ervas daninhas super-resistentes aos próprios herbicidas.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor



A LENDA DO MEMORIAL SERRA DA MESA

Altair Sales Barbosa



Fotos: mapio.net/pic/p-49953379 | arteuracu.blogspot.com.br

Contam que certa vez, em tempos recentes, o Sonho, sentindo-se fraco diante da esplendorosa destruição da mãe natureza, vendo os riachos de água cristalina secarem, percebendo a erosão corroer os valores humanos, ficou pensativo, sentado num canto, quietinho.

Então, esperou uma noite de lua prateada e saiu pelo mundo afora.

Depois de andar vários dias, já cansado, procurou descanso numa encruzilhada de uma estrada de areia branca e aí garrou no sono. Depois de algumas

horas, é despertado por um ruído semelhante a parada de escola em dia de feriado.

De longe, reconheceu uma velha amiga que empunhava uma grande bandeira branca. Era a Utopia que por ali passava.

Ao avistar o Sonho tão deprimido, a Utopia lhe indagou:

– O que faz por essas bandas, meu amigo?

Foi quando o Sonho narrou sua história de tristeza e decepção.

Depois de ouvir atentamente a história, a Utopia retrucou:

– Muitas vezes, também fico igual a você, com vontade de vi-

rar as costas para os homens e ir embora juntamente com a estrela da manhã, mas esta bandeira branca sempre impede a minha atitude, porque ela carrega no coração o brilho da esperança, fato que nos faz pensar que uma biquinha de água pode-se transformar numa torrente rugidora.

Foi então que o Sonho indagou:

– O que a amiga Utopia pode fazer para que eu possa recuperar a juventude do sonhar? Sonhar com as bonanzas, com a igualdade entre os homens, com os passarinhos um dia novamente nos galhos das árvores, com

os riachos de água limpa, sonhar com a bondade brilhando nos cantos desse mundão!

– Precisaremos da companhia do amigo Trabalho, respondeu a Utopia.

– Por onde anda esse nosso companheiro? Indagou o Sonho.

Nesse meio tempo, no centro de um redemoinho eis que vai passando o Trabalho. Ao ver seus amigos na encruzilhada, ele pergunta:

– O que vocês estão fazendo por estas bandas?

Numa voz uníssona, o Sonho e a Utopia responderam:

– Estávamos falando no seu nome, para nos ajudar a construir um lugar onde os viventes pudessem navegar nos seus sonhos e a utopia pudesse despertar nas pessoas a vontade de construir um mundo novo.

O Trabalho pensativo responde:

– Eu também ando vagando, quase sem direção. Os tempos de ociosidade me corromperam na essência. Desiludido, resolvi pegar carona nos redemoinhos dos ventos, buscando também algo que preencha minha felicidade.

Nós três até podemos fazer algum alicerce, mas se quisermos construir o caminho, a vida, o despertar de um mundo novo, temos que urgentemente encontrar aquela nossa velha companheira denominada Sabedoria.

– E por onde ela anda? Indagaram o Sonho e a Utopia.

– Não sei, respondeu o Trabalho. E, continuando sua fala, narrou:

– A última notícia que tenho é que ela foi vista vagando numa canoa de casca de jatobá, buscando as cabeceiras do rio Uru. Se vocês quiserem, podemos procurá-la.

E assim, saíram os três: o Sonho, a Utopia e o Trabalho em busca da Sabedoria. Após dias de caminhada, eis que a encontram repousando entre as rochas das cabeceiras do rio Uru.

Depois de algum tempo, os três narram as suas desilusões. E,



após alguns minutos indagam:

– O que podemos fazer?

Foi quando a Sabedoria falou:

– Conheço um local, longe daqui, que os índios chamavam de Uruaçu, ou seja, onde o Uru é grande e os habitantes modernos chamam de rio Maranhão, onde o rio das Almas, que vem dos Pirineus, chega carregado de peixes. Lá existe um local, onde talvez pudéssemos fincar um marco que funcionasse como o farol de um novo caminho.

E assim, resumindo a história, rumaram para o local e lá fundaram o Memorial Serra da Mesa, com seus espaços que lembram, questionam e apontam.

Assim, da união do Sonho com a Utopia, o Trabalho e a Sabedoria, nasceu o Memorial Serra da Mesa.

Quem passa por aquelas bandas diz que avista um grande portal, onde se lê: o rio que passa, fica. Dizem também os mais supersticiosos que esse portal

representa a passagem de um mundo real para um mundo de utopias e que, uma vez lá dentro, os sonhos se multiplicam nas mentes das pessoas.

Contam os mais sábios que às vezes esse Memorial funciona como uma tempestade que atemoriza as pessoas na escuridão, mas que ao amanhecer mostra os caminhos que se abrem. Dizem ainda que, quando o vento sopra de leste para oeste tocando as copas das árvores, ouve-se ao longe um ruído que se mistura aos cantos dos pássaros dizendo:

É o caminho!

É o caminho!

É o caminho!



Altair Sales Barbosa

Doutor em Antropologia e Arqueologia pela Smithsonian Institution Washington D.C. Pesquisador do CNPq. Especialista em Geologia do Quaternário.

FLÁVIO DINO

Educação,
a causa mais
urgente

Jaime Sautchuk

Educação é tema de destaque em toda campanha eleitoral, nas três esferas da República. Candidatos juram que darão prioridade à formação das futuras gerações e prometem mundos e fundos. Fazer o que prometeram, depois de eleitos, é outra história, muito outra.

Isso é o que chama a atenção no atual governo do Maranhão, estado até outro dia classificado como campeão da pobreza e do atraso. Uma verdadeira revolução está ocorrendo por lá no campo educacional, sob o comando do advogado e ex-juiz federal Flávio Dino de Castro e Costa, o governador Flávio Dino (PCdoB).

Eleito com ampla folga no primeiro turno das eleições de 2014, com 63,52%, ele derrotou Lobão Filho (PMDB) e pôs fim a quase meio século de domínio da família Sarney na política maranhense. Consolida, as-

sim, a opção que fez em 2006, ao deixar o cargo de juiz federal, que exerceu por 12 anos, pra se dedicar à política.

Em verdade, uma certa queda pela política já vinha do berço. Ele nasceu em abril de 1968, na capital São Luis, filho de um casal de advogados – Sálvio Dino e Rita Maria –, que se opunha à ditadura militar então em vigor. No Colégio Marista, onde estudou até o 2º grau (hoje ensino médio), e na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), onde cursou Direito, era dirigente dos diretórios estudantis.

Essa atividade não o impedia, no entanto, de ser um aluno aplicado, estudioso, sempre bem colocado em provas e outras atividades acadêmicas. Tanto que, logo após se formar, obteve o registro da Ordem dos Advogados (OAB) e voltou ao curso de Direito da UFMA, mas agora como professor.

No exercício da advocacia, era defensor de várias entidades sindicais de trabalhadores, função em que obteve vitórias significativas, que lhe renderam grande prestígio popular. Especialmente entre as faixas de renda mais acanhada da população do estado.

Aos 26 anos, passou em 1º lugar no concurso de juiz federal. Em pouco tempo, foi eleito presidente da Associação Nacional de Juizes Federais (Ajufe). Foi, também, por um mandato de dois anos, secretário-geral do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), órgão responsável

pela disciplina, que inclui punição por erros e abusos, em todas as instâncias do Poder Judiciário.

Ao se lançar na política, em 2006, Dino desviou das etapas de vereador e deputado estadual, tidas como pré-requisitos, e se candidatou direto a deputado federal. Obteve estrondosos 120 mil votos, ficando em quarto lugar na classificação geral. Na Câmara dos Deputados, logo se destacou como um dos redatores da Reforma Política, projeto em evidência, naquele momento, no Congresso Nacional.

Por sua atuação na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC), em 2010 ele foi incluído na lista dos parlamentares mais influentes do País, distinção concedida anualmente pelo respeitado Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap).

Em 2008, interrompeu o mandato pra se candidatar a prefeito de São Luis e, em 2010, tentou o posto de governador. Em ambos os casos foi derrotado pela pesada máquina eleitoral das oligarquias do estado, que inclui a maior parte da mídia local. Mas ficou em segundo lugar nas duas eleições.

No primeiro governo de Dilma, foi presidente da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur). Nessa função, concentrou esforços na divulgação de atrativos do Brasil no exterior, campanha a que entidades do setor atribuem o recorde anual de 6 milhões de turistas estrangeiros visitando o país, registrado no período.

Contudo, seu grande teste em gestão pública está ocorrendo agora, como governador do Maranhão. Não é exagero dizer que, nesses dois anos e pouco já transcorridos, ele pode ostentar bons resultados em todas os se-

tores da sua administração. Até mesmo na geração de energia elétrica, área mais afeita ao governo federal. Por exemplo, está em fase de conclusão a primeira etapa de um parque eólico nos Lençóis Maranhenses.

No campo da saúde, já são novos hospitais e centros de atendimento pelo estado inteiro, mas com grande ênfase, ao mesmo tempo, a programas profiláticos, de maior alcance, como o Saúde da Família. E a agropecuária vem obtendo avanços significativos com ações de apoio ao produtor rural, que incluem a instalação de tanques de resfriamento de leite nas regiões produtoras.

Também no que se refere à mobilidade urbana e intermunicipal, além da abertura de 2.000 quilômetros de estrada, muitas mudanças já são observadas, especialmente no transporte público. É o caso do Travessia, amplo projeto de facilitação que atende pessoas com deficiência. Pra se ter uma ideia, na capital e no interior vans adaptadas buscam e deixam cadeirantes em casa, de graça, pra que desenvolvam suas atividades.

Entretanto, os resultados que o governador apresenta com maior entusiasmo são os da área da Educação. No momento, os professores da rede pública estadual têm o segundo maior piso salarial do país, mas em maio deste ano ultrapassarão os do Distrito Federal, passando a ocupar o primeiro lugar, com R\$ 5.384,26, pra carga de 40 horas semanais.

O salário-base nacional dessa faixa, fixado pelo Ministério da Educação, é de R\$ 2.298,80. O magistrado mais bem posicionado, no Maranhão, passou a ganhar R\$ 124,60 por hora trabalhada em sala de aula ou em atividade extraclasse.

Segundo o Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado, porém, a mudança mais significativa está ocorrendo não no salário do momento, mas na progressão de carreira, que era um pleito antigo da categoria. Nestes dois anos, foram feitos concursos internos e readequações de funções, o que representa um novo conceito no tratamento dado ao corpo docente das escolas estaduais.

Flávio Dino, por seu lado, embora na função de governador, continua lecionando Direito Ambiental na UFMA. Não pratica mais judô, mas reserva horários ao tabuleiro de xadrez e às leituras, suas paixões. E também à vida familiar, que inclui passeios com os dois filhos, ainda crianças, que teve com sua atual companheira.

Com a primeira mulher, teve outros dois, um dos quais morreu, em 2012, aos 13 anos, durante crise asmática em hospital de Brasília, o que gerou uma ação de amigos contra a casa de saúde, por erro médico. O outro, mais velho de todos, estuda Antropologia na Universidade de Brasília (UnB) e é muito ligado ao pai. Logo após as eleições, em 2014, por exemplo, os dois fizeram longa viagem pelos cânions e sítios arqueológicos do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí.

Enfim, é uma pessoa simples, sempre alegre, não gosta de ser tratado por “doutor” ou “senhor” – é apenas Dino pra todos que o cercam, segundo contam pessoas que já trabalharam ou trabalham com ele.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

PREVIDÊNCIA

EDUCADORES MARCHAM EM GOIÂNIA CONTRA A REFORMA DA PREVIDÊNCIA



No dia Internacional da Mulher (08 de março) as trabalhadoras (e os trabalhadores) em educação no Estado de Goiás tomaram as ruas de Goiânia para protestar contra a Reforma da Previdência. As mulheres, que são maioria nas redes estadual e municipal de ensino, disseram um sonoro não à proposta de desmonte da previdência do governo golpista de Michel Temer (PMDB-SP). Professoras (es), administrativos do Sintego se juntaram aos trabalhadores rurais mobilizados pela Fetaeg e aos servidores públicos estaduais e federais alinhados ao SindSaúde, SindIfes, SintSep, Sinatran e outros sindicatos e fizeram uma marcha com cerca de cinco mil trabalhadores pelas ruas centrais de Goiânia.

“Não há como não sentir medo, ódio, nojo e asco da Reforma da Previdência, pois a PEC 287 do governo golpista tem apenas um

objetivo: que os trabalhadores morram antes de se aposentar. Hoje uma professora que já tem idade e tempo de contribuição para se aposentar, terá que ficar mais 20 anos na sala de aula. Quem trabalha na educação sabe que é impossível ficar na sala de aula até os 70 anos!”, desabafa Bia de Lima, presidenta do Sintego.

Bia está correta. A Reforma da Previdência, com grandes chances de ser aprovada no Congresso Nacional ainda neste semestre, acaba com a aposentadoria especial dos professores e professoras aos 25 anos de contribuição.

Assim, a carreira do magistério perde um direito conquistado na luta, ainda no tempo da Ditadura Militar. Foi em 1981 que os professores e professoras de todo o Brasil lotaram Brasília, pressionaram o governo militar a encaminhar o Projeto de Lei para

o Congresso, e, lá, ganharam, pelo voto parlamentar, o direito a aposentadoria com 25 anos de contribuição!

MÍDIA

Para convencer o povo brasileiro e a própria categoria do magistério a aceitar passivamente a usurpação de seus direitos, o governo golpista usa os espaços da grande mídia, comprada a peso de ouro, conforme relatos da alocação das verbas de publicidade no governo Temer.

Em 29 de janeiro, o jornal golpista Folha de São Paulo publicou a matéria “Aposentadoria antecipada de professor afeta Estado e município”, na tentativa de induzir a sociedade brasileira a ver a aposentadoria especial de quem exerce a desgastante profissão de docente como uma regalia que deve ser eliminada: “hoje o tempo de contribuição

exigido de quem leciona no ensino básico, no fundamental e no médio é cinco anos inferior à regra geral, já considerada por analistas problemática por permitir aposentadorias antes dos 60”, detonou o jornal.

A serviço do golpe, a grande mídia se esquece de informar, também, que os professores e professoras do ensino básico público brasileiro estão expostos, ano-após-ano, a condições de trabalho adversas e, no caso das mulheres, que são a grande maioria de profissionais em salas de aula, enfrentam duplas ou triplas jornadas de trabalho, documentadas por entidades respeitadas como a própria Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Em Goiás, onde o Sintego e os movimentos sociais travam, já há dois anos, uma luta renhida com o governo do Estado contra a privatização do ensino por meio da militarização das escolas e da contração das Organizações Sociais (OS) para a gestão das escolas públicas, a professora Bia de Lima, presidenta do Sintego, explica em termos práticos os objetivos da proposta temerária de Michel Temer:

“As principais mudanças que impactam nossa Categoria são: 1) Unificar (para pior) as regras dos sistemas de previdência pública e privada; 2) Aumentar o tempo de contribuição e de idade de aposentadorias para 65 anos de idade e 49 de contribuição; e, 3) No caso dos professores do ensino público, ampliar as suas contribuições previdenciárias de 11% para 14% de seus salários e acabar com a aposentadoria especial. Isso quer dizer que a reforma nos afeta enquanto funcionalismo público, enquanto mulheres e enquanto professores”, completa Bia.

Mesmo havendo provas contundentes de que os argumentos para a Reforma da Previdência

não se sustentam – segundo a Associação Nacional dos Auditores da Receita Federal a Previdência Social teve, em 2010, um superávit de R\$ 58 bilhões, e, nos últimos 5 anos de R\$ 100 bilhões por ano, (<http://migre.me/uNelf>) – o governo insiste em fazer com que o trabalhador e a trabalhadora brasileira trabalhem até a morte sem cumprir o tempo para se aposentar.

É bem sabido que, embora no Brasil a média de idade seja de 75 anos, em muitas regiões sobretudo do Norte e do Nordeste as pessoas vivem bem menos do que isso.

Sob as novas regras, com a chegada do fim da aposentadoria baseada na quantidade de anos trabalhados, sem considerar a idade diferenciada para homens e mulheres, sem levar em conta a interrupção de reajuste para os aposentados com base no salário mínimo e desconsiderando o direito da aposentadoria especial após os 25 anos de contribuição, também boa parte dos e das profissionais da Educação morrerão sem se aposentar.

Segundo a pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (Talis), realizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e coordenada no Brasil pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), publicada em 2014, o professor típico brasileiro é mulher (71%), tem 39 anos de idade.

O que mostra que você, professor, você professora, que está entre os que passam o maior de número de horas ensinando: 25 horas, 6 a mais do que média dos professores dos países pesquisados, estará entre as pessoas mais afetadas pela Reforma da Previdência.

O QUE FAZER?

O Sintego, juntamente com outros sindicatos e centrais sin-

dicais organizaram uma grande campanha de mídia, em rádio, TV e redes sociais, para esclarecer os servidores públicos – e a população de um modo geral –, sobre os prejuízos para todos caso seja aprovada a PEC 287. O alvo da campanha são os deputados federais de Goiás. Num dos “memes” que estão rodando no Facebook e Watssap é feito o questionamento ao eleitor: “Este é o seu deputado (é publicada foto e nome do parlamentar), você elegeu ele, mas o voto dele pode acabar com a sua aposentadoria. A Reforma da Previdência é issol”

Bia de Lima, afirma que só com esclarecimento e o povo na rua será possível barrar retrocesso da Reforma da Previdência. Cada profissional da Educação precisa sair da zona de conforto e partir pra luta junto com a Categoria, que se organiza para:

- Unificar as Lutas Educacionais com uma Campanha Em Defesa da Educação Pública!
- Unificar os professores das redes de ensino público – municipais, estaduais e outras – e demais trabalhadores contra a Reforma da Previdência!
- Construir a Greve Geral, a partir do dia 15 de março, contra os ataques do Governo Temer!
- Conscientizar estudantes, pais de alunos e a comunidade de que com a Reforma da Previdência todos perdem.



EXISTE VIDA EXTRATERRESTRE

Leonardo Boff



Cientistas da NASA descobriram uma estrela Trappist-1, distante 39 anos luz da Terra, com sete planetas rochosos, três dos quais com possibilidade de água e assim de vida. Esta descoberta recolocou a questão de eventual vida extraterrestre. Façamos algumas reflexões sobre o tema, fundadas em nomes notáveis na área.

As ciências da Terra e os conhecimentos advindos da nova cosmologia nos habituaram a situar todas as questões no quadro da grande evolução cósmica. Tudo está em processo de gênese, condição para surgir a vida.

A vida é tida como a realidade de mais complexa e misteriosa do universo. O fato é que há cerca de 3,8 bilhões de anos, num oceano ou num brejo primordial, sob a ação de tempestades inimagináveis de raios, de elementos cósmicos do próprio

Sol em interação com a gequímica da Terra, esta levou até à exaustão a complexidade das formas inanimadas.

De repente, ultrapassou-se a barreira: estruturaram-se cerca de 20 aminoácidos e quatro bases fosfatadas. Como num imenso relâmpago que cai sobre o mar ou brejo, irrompeu o primeiro ser vivo.

Dando um salto quântico e qualitativo, emergiu na Terra, em nosso espaço-tempo curvo, num canto de nossa galáxia média, num sol secundário, num planeta de quantitate negligível, a Terra, a grande novidade: a vida. A Terra passou por 15 grandes dizimações em massa, mas como se fora uma praga, a vida jamais foi extinta.

Vejamos, rapidamente, a lógica interna que permitiu a eclosão da vida. À medida que avançam em seu processo de expansão, a matéria e a energia do universo tendem a se tornar cada vez mais complexas. Cada sistema se encontra num jogo de interação, numa dança de troca de matéria e de energia, num diálogo permanente com o seu meio, retendo informações.

Biólogos e bioquímicos, como Ilya Prigogine (prêmio Nobel em química, 1977), afirmam que vigora uma continuidade entre os seres vivos e inertes. Não precisamos recorrer a um princípio transcendente e externo para explicar o surgimento da vida, como o fazem comumente as religiões e a cosmologia clássica.

Basta que o princípio de complexificação, auto-organização e autocriação de tudo, também da vida, chamado de princípio cosmogênico, estivesse embriologicamente naquele pontozinho ínfimo, emerso da Energia de Fundo que depois explodiu. Um dos mais importantes físicos quânticos da atualidade, Amit Goswami, sustenta a tese de que o universo é matematicamente inconsistente sem a existência de um princípio ordenador supremo, Deus.

Por isso, para ele, o universo é autoconsciente (O Universo Autoconsciente, Rio 1998). O mesmo pensa talvez o maior cosmólogo atual Brian Swimme (The Hidden Heart of the Cosmos, 1996).

A Terra não detém o privilégio da vida. Segundo Christiann de Duve, prêmio Nobel de Biologia (1974), que escreveu uma das mais brilhantes obras so-

bre a vida, disse em seu livro Poeira vital: a vida como imperativo cósmico:

"Há tantos planetas vivos no universo quanto há planetas capazes de gerar e sustentar a vida. Uma estimativa conservadora eleva o número à casa dos milhões. Trilhões de biosferas costeiam o espaço em trilhões de planetas, canalizando matéria e energia em fluxos criativos de evolução. Para qualquer direção do espaço que olhemos, há vida (...). O universo não é o cosmo inerte dos físicos, com uma pitada a mais de vida por precaução. O universo é vida com a necessária estrutura à sua volta." (Op.cit.199, p. 383).

É mérito da astronomia, na faixa milimétrica, ter identificado um conjunto das moléculas nas quais se encontra tudo o que é essencial para dar início ao processo de síntese biológica (Longair, M. As origens do nosso universo, 1994, p. 65-6). Nos meteoros e meteoritos, encontraram-se aminoácidos. Esses, sim, são os eventuais portadores das arqueobactérias da vida. Houve, provavelmente, vários começos da vida, muitos frustrados, até que um definitivamente se firmou.

Presume-se que as mais di-

versas formas de vida se originaram todas de uma única bactéria originária (Wilson, O. E., A diversidade da vida, São Paulo, 1994). Com os mamíferos, surgiu uma nova qualidade da vida, a sensibilidade emocional e o cuidado.

Dentre os mamíferos, há cerca de 70 milhões de anos, destacam-se os primatas, e depois, por volta de 35 milhões de anos, os primatas superiores, nossos avós genealógicos, e há 17 milhões de anos, nossos predecessores, os hominídeos. Há cerca de 8-10 milhões de anos, emergiu na África o ser humano, o australopiteco. Por fim apareceu, há 100 mil anos, o Homo sapiens-sapiens/demens-demens do qual somos herdeiros imediatos (Reeves, H. e outros, A mais bela história do mundo, Petrópolis, 1998).

A vida não seria fruto do acaso (contra Jacques Monod, O acaso e a necessidade, Petrópolis, 1979). Bioquímicos e biólogos moleculares mostraram (graças aos computadores de números aleatórios) a impossibilidade matemática do acaso puro e simples.

Para que os aminoácidos e as duas mil enzimas subjacentes pudessem se aproximar e

formar uma célula viva, seriam necessários trilhões e trilhões de anos, mais do que os 13,7 bilhões de anos, a idade do universo. As possibilidades são de 10 em potência, 1000 contra um. O assim chamado acaso é expressão de nossa ignorância.

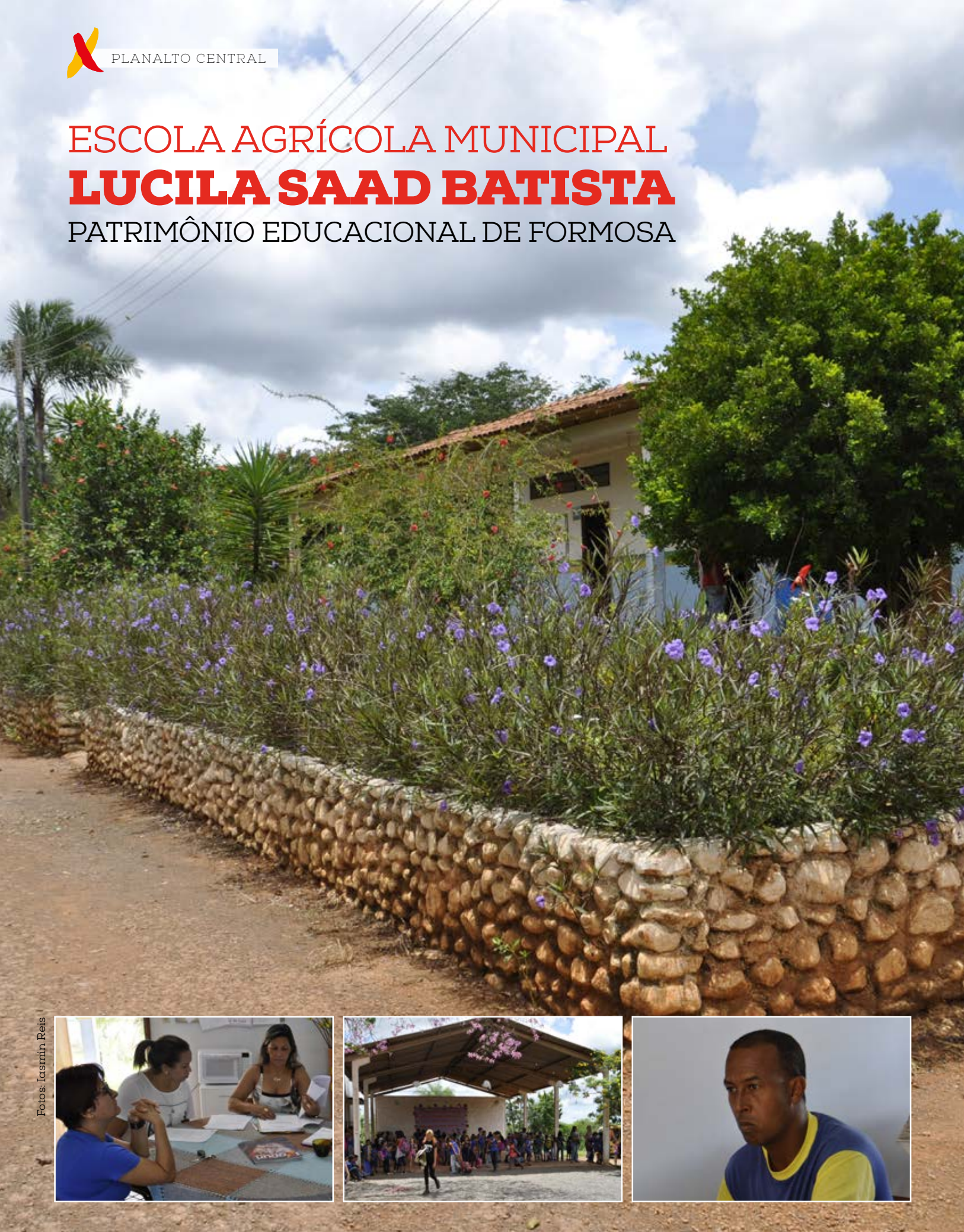
Estimamos que o sentido da evolução ascendente é produzir mais e mais condições para a irrupção da vida, também extraterrestre como na lua Europa de Júpiter e os três planetas rochosos de Trappist-1.

Com razão disse, o famoso físico britânico Freeman Dyson (*1923): "quanto mais examino o universo e os detalhes de sua arquitetura, mais acho evidências de que o universo sabia que um dia, lá na frente, iríamos surgir" (Disturbing the Universe, 1979, p. 250).

Leonardo Boff – Escritor. Filósofo. Teólogo.
Filósofo, Teólogo, Escritor. Leonardo Boff, junto com o cosmólogo Mark Hathaway, trata detalhadamente deste tema em "O Tao da Libertação," Editora Vozes, 2010.



ESCOLA AGRÍCOLA MUNICIPAL LUCILA SAAD BATISTA PATRIMÔNIO EDUCACIONAL DE FORMOSA



Conta a memória oral que a Escola Agrícola de Formosa foi criada em 1988, no último ano de gestão do prefeito José Saad. Também se sabe, pelo relato do formosense Heli Dourado, à época deputado estadual, que aqueles 55 hectares da Fazenda Campo Limpo, alocados para a escola, vieram de terras tomadas pela União de um proprietário estrangeiro, que as comprou ilegalmente.

“Descoberta compra, vetada pela Constituição Federal, a União destinou a área para promover um grande assentamento da Reforma Agrária. Foi aí que, como deputado, juntamente com o prefeito Zezito, incluímos no projeto a Escola Agrícola, para atender as famílias de assentados que começavam a se instalar no local”, conta Heli.

“Garantida a terra, conseguimos recursos da União para a construção dos primeiros prédios de um projeto pioneiro, que deveria ter até mesmo um internato para alojar estudantes de outras regiões de Formosa e de outros municípios goianos. Zezito deixou a estrutura montada para que a escola pudesse funcionar já no ano seguinte, na gestão do prefeito Jair de Paiva”, conclui Heli.

OS TEMPOS DE ILÍDIA E DE LUCILA

Duas mulheres fizeram a Escola Agrícola acontecer: Ilídia de Paiva, a primeira diretora, e Lucila Saad Batista, a primeira técnica agrícola. Ilídia, professora recém-aposentada, foi “convocada” para colocar a escola de pé. “Chamei a Ilídia pra cuidar da educação, abrir o internato. E o Clarival de Miranda, meu secretário de Administração, escolheu a Lucila que, em pouco mais de um ano, tornou a escola autossuficiente na produção da merenda escolar. Com elas não

existia dia nem hora, só o agora”, lembra Jair.

“O desafio era enorme. Nem eu nem a Lucila entendíamos nada de ensino agrícola. Saímos de Formosa, de ônibus, para visitar as escolas-modelo de Ipameri e Urutaí. Na volta, montamos uma equipe mínima e botamos a mão na massa. Eu era a gerentona, era chamada de dama de ferro, dizem que eu era brava mesmo. Mas felizmente muitos de nossos ex-alunos são hoje agrônomos, juizes, professores. A grande maioria seguiu carreira, o que era raro para crianças pobres da zona rural naqueles tempos”, diz Ilídia com orgulho.

“As duas formavam um time imbatível. Ilídia conseguia mobilizar as melhores cabeças e produzir resultados acadêmicos excepcionais. Já Lucila era a alma da escola, a amiga de todo mundo, a que conseguia tudo com a sua frase clássica: “Tá bom, se você não puder ajudar, eu mesma faço”. “É muito justo que a Escola Agrícola tenha hoje seu nome porque, sem a garra de Lucila, a Escola Agrícola não existiria”, diz Clarival.

“Lucila partiu cedo, num trágico acidente no caminho de Brasília, onde também dava aulas, infelizmente não pôde acompanhar os resultados do nosso trabalho, mas, por mim e por ela, eu sinto um orgulho danado quando encontro um ex-aluno nosso dizendo do quanto a Escola Agrícola foi importante na vida dele”, completa a primeira diretora, Ilídia de Paiva.

A HORTA ORGÂNICA MUNICIPAL DE FORMOSA

Depois da gestão bem-sucedida de Ilídia e de Lucila, embora viesse sendo gradualmente debilitada – o internato acabou, os prédios foram fechados, o provimento de verduras para a alimentação escolar deixou de

existir –, por mais de uma década a escola conseguiu manter sua horta como instrumento educacional de prática agrícola.

As coisas mudaram de vez há cerca de doze anos, quando a área de oito hectares onde funcionava a horta foi informalmente cedida pela Administração Municipal a um casal de agroecologistas para a implantação de uma horta orgânica. Para Robertinho Marques, tratorista, funcionário da escola desde a sua fundação, há quase 30 anos, o que era para ser um avanço acabou virando uma grande dificuldade.

“No tempo da Lucila a gente trabalhava dia e noite, atendia as escolas, produzia excedente pra vender na Feira e ajudar nas despesas da horta, e ainda tinha aluno aqui, mexendo na terra, fuçando pra todo lado. Depois, o espaço fechou, ficou só pra pesquisa, e a produção reduziu tanto que não dava mais pra atender nem as creches”, explica Robertinho.

Ângela Maria Marques de Araújo, professora da escola há 23 anos e diretora em parte desse período, corrobora: “A relação foi ficando complicada. A escola sempre soube pelos funcionários das visitas ilustres, mas nunca recebeu um único relatório sobre os experimentos ali produzidos”.

Ângela agrega: “Além de receber alimentos insuficientes para a merenda escolar, a horta, que era para ser pedagógica, passou a negar o acesso aos alunos. Ante o risco de perder a condição de escola agrícola por falta do espaço para a prática estudantil, o jeito foi criar outra horta, e esquecer daquele pedaço da escola. Foi o que fizemos, para ter um mínimo de paz e seguir com o projeto”.

Fabiano Rabelo de Mendonça, presidente do Conselho Municipal de Educação, confirma



ter havido, no ano de 2014, um debate no Conselho sobre uma possível perda da condição de Escola Agrícola pela ausência de estudantes nas práticas da horta orgânica. Não nos foi possível, entretanto, localizar a Ata ou qualquer outro documento referente a essa reunião.

TRANSIÇÃO TRAUMÁTICA

A 17 de janeiro de 2017, o novo prefeito municipal, Ernesto Roller, determinou o retorno da horta para a gestão da própria escola. "Foi uma decisão necessária, a Administração não tinha como justificar a cessão informal daquele espaço público, nem a alocação de mais de 30 servidores para uma atividade privada e, do ponto de vista da educação municipal, excludente, onde não cabiam os alunos da própria escola", explicou Ernesto.

Nas semanas seguintes, a diretora da escola, Luzia Dias da Costa Oliveira, executou a reintegração de posse e a adequação do espaço para a volta das práticas pedagógicas. Dentre suas primeiras ações, Luzia promoveu uma "limpeza" da área e solicitou da Superintendência Municipal de Meio Ambiente autorização para a poda de algumas árvores. A autorização, assinada pelo superintendente Ian de Moraes Thomé, chegou no dia primeiro de fevereiro.

Antes mesmo da resposta do superintendente, denúncias graves sobre o desmonte da horta com qualificação de crime ambiental circularam na internet. A escola foi acusada por Lucieli Cantuária, ex-gestora da horta, de derrubar as barreiras de proteção natural, destruir os corredores ecológicos e, mais grave ainda, de utilizar agrotóxicos na área de produção orgânica.

Nas semanas que se seguiram, a Xapuri buscou apurar os fatos. Entrevistado por telefone, o prefeito Ernesto Roller infor-

mou que tornou público, no dia 15 de fevereiro, o Termo de Ajuste de Procedimento 001/2017, com o seguinte teor:

"... A Horta Municipal de Formosa sofreu uma denúncia com relação a um procedimento à base de glifosato para controle de capim do gênero Brachiaria. Em uma vistoria realizada pela Superintendência de Meio Ambiente, foi confirmada a veracidade da denúncia. O local onde foi realizado o procedimento é uma área coberta pelo referido capim [fora da área de produção orgânica] e corresponde a uma Área de Preservação Permanente - APP, que será reflorestada com plantas nativas do Cerrado (...) Diante de todas as colocações ficou deliberado em reunião com o Prefeito Municipal Ernesto Guimarães Roller e com o Secretário de Assuntos Econômicos e Meio Ambiente, Gustavo Marques de Oliveira, que serão adotados os seguintes procedimentos: a) Reflorestamento Integral da Área de Preservação Permanente - APP; b) Isolamento total da área de 0,431 hectares, onde foi aplicado o herbicida; c) Proibição de pessoas e animais dentro do perímetro isolado; d) Medida de punição corretiva ao funcionário responsável pelo procedimento, alertando-o sobre o objetivo da horta, quais procedimentos podem e não podem ser realizados dentro do seu perímetro; e, e) Garantia de que o produto utilizado não irá afetar a produção futura de hortaliças, e que o fato ocorrido não irá se repetir."

OS TEMPOS DE LUZIA

Desde 2015, uma enérgica professora de nome Luzia tornou-se diretora da Escola Agrícola por meio do voto direto. De lá pra cá, Luzia explica que vem se dedicando a colocar nos trilhos o projeto original da Escola.

"Comecei por retomar a construção de parcerias, especial-

mente com os chacareiros da região. Muitas dessas famílias tiveram todos os seus filhos estudando aqui e por décadas foram parceiras nossas, era preciso fazer um esforço para trazê-las de volta para o nosso convívio."

A chacareira Terezinha Maniçoba, cujos três filhos foram alunos da escola, aplaude a iniciativa: "Com Luzia, todo mundo está voltando a ajudar a escola. Nos tempos da [horta] orgânica, a gente parou de ajudar porque o pessoal de lá vinha aqui, buscava caixas e caixas de verdura e entregava nas escolas como se fosse produção deles. A gente não gostou e caiu fora."

Em dois anos, Luzia explica que conseguiu transformar o prédio abandonado do internato em escola infantil; retomou a produção da lavoura - hoje, com a ajuda dos produtores da região, planta milho e feijão em cerca de 22 hectares; e começou a produzir peixes e leite para a merenda dos 450 alunos matriculados no ano de 2017.

"Nossa tarefa agora é aprender mais sobre agroecologia para aumentar a produção orgânica da horta e, assim, gerar mais alimentos saudáveis para nossas creches, escolas e hospitais," completa Luzia.

Para o professor Neudson Rosa Gonçalves, coordenador técnico da escola, com a volta da horta, os tempos de Luzia serão tempos de prosperidade e de bonança: "Nossos alunos voltarão a brilhar no universo acadêmico, como nos tempos de dona Ilídia. Nossa horta voltará a gerar excedentes, como nos tempos de Lucila. Seremos felizes de novo."



Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss

PRA QUEM GOSTA DE ADMIRAR AVES, BIRDWATCHING

Izalete Tavares

COMO SE APROXIMAR DAS AVES?

As aves são seres com ótima capacidade de visão e audição. Para um contato mais próximo, observe o pássaro a uma boa distância. Ao ver você, ele analisará se você representa ou não uma ameaça.

Mantenha sempre a distância que deixe o animal confortável. Afinal, se o pássaro se sentir ameaçado, ele voará bem rápido e você perderá a foto. Quando ele notar você, fique em silêncio e imóvel por um tempo. Assim que ele demonstrar estar confortável com sua presença, aproxime-se um pouco mais. Repita o procedimento e garanta sua foto!

Não use roupas com cores chamativas! Isso é um erro grave. Use sempre cores-ambientes, discretas e, se possível, use camuflagem em tons de verde e marrom. Existem roupas de camuflagem feitas especialmente para o *Birdwatching*.

Ande sempre devagar e em silêncio. O barulho também incomoda os pássaros. Evite pisar em galhos e folhas. Se for necessário conversar, faça-o em voz baixa.

Desde que surgiu, na Inglaterra, no século 18, o Birdwatching, ou o passatempo de admirar aves, continua envolvendo e encantando pessoas no mundo inteiro. Com suas 1.800 espécies de aves, o Brasil é um campo fértil para o Birdwatching.

O avanço dos instrumentos tecnológicos de observação, como as câmaras fotográficas, os binóculos e, agora, as câmaras digitais disponíveis até mesmo em telefones celulares, cada vez mais facilita a vida dos observadores de aves.

Para praticar o Birdwatching, você precisará de uma câmera ou um binóculo! Você poderá escolher entre os modelos profissionais, semiprofissionais, ou mesmo uma boa câmera em seu celular. Depois, é se posicionar e admirar o passaredo.



Fotos: Izalete Tavares

TRÂNSITO MAL-EDUCADO

Antenor Pinheiro

É fato a ausência de cidadania em todas as dimensões sociais no Brasil, mas no trânsito isso fica mais explícito. Pessoas de todas as idades e classes sociais, quando não expressam relações de poder, conduzem seus veículos com incivilidade tão recorrente que prevalece o absoluto desprezo diante das mais básicas regras de convivência social. E quando chegam os indicadores de acidentes o grito é uníssono:

"Falta educação no trânsito".

Mas há muita controvérsia quando tratamos o tema "educação para o trânsito", a começar da expressão, já superada, pois o trânsito é apenas parte do problema, não uma questão isolada no contexto dos deslocamentos humanos, principalmente. Mais correto trabalhar a "educação para a mobilidade segura", a partir do desejável processo de preparação teórica e prática do motorista, sob a égide do planejamento urbano e da sua formação escolar clássica, que é onde emerge a cidadania.

O fato é que tradicionalmente o poder público, quando lida com o tema, opta por modelos de intervenção bastante discutíveis

do ponto de vista das políticas possíveis.

A diversidade de programas, projetos e campanhas, e a desarticulação destes com áreas e organismos afins, revelam o descaso das autoridades com este grave passivo nacional. Geralmente são a resposta protocolar de governos preguiçosos e ineptos, que investem fortunas em agências de publicidade para que estas pensem por eles, cujas peças publicitárias, por vezes inócuas e contraditórias, apresentadas em mídias diversas, pouco colaboram para reverter o quadro – um misto de ingenuidade e incompetência mesmo!

Nesse contexto, o Governo de Goiás inova e sai do trivial inútil ao propor importante iniciativa pedagógica em suas escolas, conforme recomenda o Conselho Nacional de Trânsito (Contran) por meio da Resolução 265/2007 – o "Roteiro de Didática Aplicada/RODA". Por meio da Secretaria Estadual de Educação (Seduc), em parceria com o Detran-GO, o projeto goiano propõe desenvolver atividades extracurriculares pelo método transversal para toda a rede es-

tadual de ensino, o que envolve o universo de 600 mil alunos e 17 mil professores.

Este projeto é importante porque, uma vez o aluno participando, automaticamente fica dispensado do curso de formação teórica necessário para submeter-se ao exame escrito de legislação de trânsito no processo inaugural de obtenção da CNH. Ou seja, a atividade substitui 45 horas/aula por três anos de aprendizado contínuo (ensino médio) gratuitamente. Quer

dizer: além da economia, vem a qualidade no processo de formação do motorista na obtenção de sua primeira habilitação.

No entanto, após implantar o projeto piloto numa escola estadual de Goiânia, estranhamente o mesmo governo interrompeu o processo de sua própria boa obra retomando assim a recorrente política de nada fazer de útil nesta questão.

Segundo apurado, o projeto foi abortado em virtude de limitações financeiras do Detran, que

seria o seu financiador – argumento pouco razoável para um órgão que arrecada anualmente cerca de 1 bilhão de reais e irriga dezenas de outros importantes programas governamentais, mas que em quase nada tangem suas nobres e carentes competências.

É o mesmo que formular a boa política pública (coisa rara neste país), lançá-la como algo inovador e moderno, e depois escondê-la por motivos nada convincentes.



Antenor Pinheiro
Jornalista, membro da Associação Nacional de Transportes Públicos/ANTP

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Homenagem a Marisa Leticia Lula da Silva.
Exemplo de mulher de luta.



O 8 de março é dedicado ao Dia Internacional da Mulher. Como outras datas históricas, esta também foi transformada numa pantomima explorada pela ideia do consumismo mercadológico. Dessa forma consegue-se escamotear do povo os motivos que a originaram. Deformam o significado heroico. Assim, poucos ficam sabendo como e por que se dedica este dia à celebração da luta das mulheres. A própria mídia, como instrumento de dominação e poder do Estado, omite os fatos históricos, muitas vezes de sacrifícios, e a aura heroica da comemoração.

Trajano Jardim

O MASSACRE DE NOVA YORK

Para resgatar a luta significativa das mulheres pelo seu espaço na sociedade, por liberdade e igualdade de direitos, recordamos que o Dia Internacional da Mulher é comemorado desde 1910. Numa conferência internacional de trabalhadores, na Dinamarca, decidiu-se homenagear as 129 mulheres que, em 1857, 53 anos antes, foram brutalmente assassinadas pelas forças da repressão.

Naquele 8 de março, no frio inverno de 1857, as operárias da fábrica de tecidos Cotton, de Nova York, na luta por melhores condições de trabalho; pela diminuição da jornada, que na época era de cerca de 16 horas; por salários iguais aos dos homens (elas recebiam cerca de um terço do salário pago aos homens), realizaram uma grande greve.

A paralisação foi total. A manifestação foi reprimida com brutal violência pela polícia. As operárias se refugiaram dentro da fábrica. Elas foram trancadas e o prédio foi incendiado. Essa ação cruel resultou na morte de 129 trabalhadoras tecelãs carbonizadas.

Somente em 1975, a criação da data foi oficializada pela Organização das Nações Unidas. E não foi apenas para lembrar tal acontecimento. O dia 8 de março é marcado para se debater sobre o papel da mulher na sociedade atual. É buscar caminhos para diminuir, cada vez mais, o preconceito, a violência contra a mulher e a desvalorização da contribuição feminina nos locais de trabalho.

Apesar dos avanços conseguidos até agora, a mulher ainda sofre com a exploração da sua força de trabalho com baixos salários; a violência masculina e desvantagens na carreira profissional; a banalização do seu corpo como meio de persuasão e de convencimento para manter em alta o consumismo exacerbado, sob a égide do mercantilismo.

Que esta data seja conhecida não pela glamourização dos interesses mercadológicos, mas pelo que ela expressa de heroísmo e de lutas das mulheres do mundo inteiro.

Em homenagem à mulher, no seu dia histórico, os versos de Cora Coralina vêm bem a calhar.

"(...)
Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada,
sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha
e filharada.
Vive dentro de mim
a mulher roceira.
- Enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira."

E cabe o acréscimo:
lutadora, sambista, feminista.



Trajano Jardim
Jornalista e Professor
Universitário



As mãos... o ofício das mãos... as bordadeiras que encontrei ao longo da vida...
em toda casa tinha gente que bordava!

Dos ofícios: *Só de ouvir...*

Batista Filho

domingo, após a missa
no caminho de volta pra casa
sempre passava pelo meio da feira.

quedava um tempinho
em volta do vendedor de cordel.
adorava poesia...

depois, em casa, bordar.
mãos ágeis dando vida ao linho:
borboletas, flores
crianças, bichinhos
... a imaginação colorindo
a brancura do tecido.

sem se aperceber
a cada ponto
tecia um verso
a cada arremate
uma nova poesia!
poesia que amava
só de ouvir
... porque não lia.



"Não frequentas mais, de corpo
comovido, os espaços do mundo. A medida do
tempo não te alcança. Já ganhaste a dimensão do
sonho, és luzeiro da esperança."

Thiago de Mello

Em 2018, a luta dos povos da floresta completará 30 anos sem Chico Mendes, símbolo maior da trajetória de construção social, sindical e ecológica em defesa da Amazônia e dos povos que nela vivem.

Porém, o tiro certo que assassinou Chico Mendes em 22 de dezembro de 1988 foi incapaz de calar seu sonho de justiça e liberdade. Chico Mendes continua vivo na memória e nos sonhos renovados de cada um e cada uma de nós.

O Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS) começa agora o projeto CHICO MENDES - 30 ANOS rumo a uma grande mobilização nacional para honrar a memória e multiplicar os ideais de Chico Mendes pelo Brasil e pelo mundo.

VOCÊ PODE FAZER PARTE DESSA CAMINHADA.
O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE FOSSE FEITO PARA OS 30 ANOS
DO ENCANTAMENTO DO CHICO MENDES?

MANDE SUA SUGESTÃO PARA:

contato@xapuri.info



Chico Mendes Vive!



AO VIVO

TODAS AS SEXTAS,
ÀS 14H30, NA TV COMUNITÁRIA, CANAL 12 DA NET.



AS EDIÇÕES SÃO REPRISADAS NOS SEGUINTE DIAS E HORÁRIOS

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
13H	23H	13H	18H	22H30	12H	16H30

Assista também no portal bancariosdf.com.br e no [facebook/bancariosdf](https://facebook.com/bancariosdf)